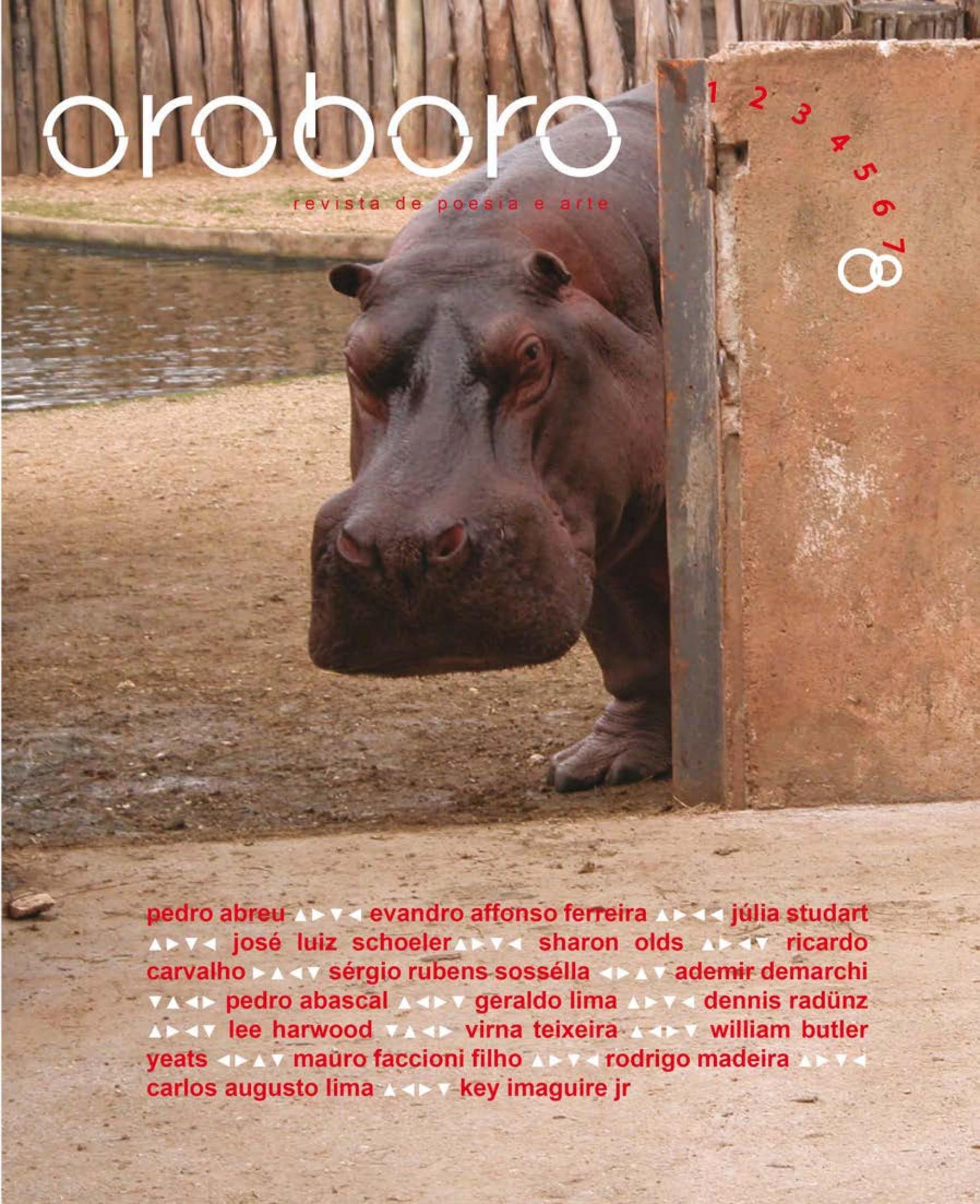


oroboro

revista de poesia e arte

1 2 3 4
5 6 7 8



pedro abreu ▲▶▼◀ evandro affonso ferreira ▲▶◀ julia studart
▲▶▼◀ josé luiz schoeler ▲▶▼◀ sharon olds ▲▶◀ ricardo
carvalho ▶◀▼◀ sérgio rubens sossélia ▶◀▼◀ ademir demarchi
▼◀◀▶ pedro abascal ▲▶▼◀ geraldo lima ▲▶▼◀ dennis radünz
▲▶◀▼◀ lee harwood ▼◀◀▶ virna teixeira ▲▶▼◀ william butler
yeats ▲▶▼◀ mauro faccioni filho ▲▶▼◀ rodrigo madeira ▲▶▼◀
carlos augusto lima ▲▶▼◀ key imaguire jr



L o q u e e s t á e n r e p o s o e s f á c i l d e r e t e n e r .



pedro abreu



L o q u e e s p e q u e ñ o e s f á c i l d e d i s p e r s a r .



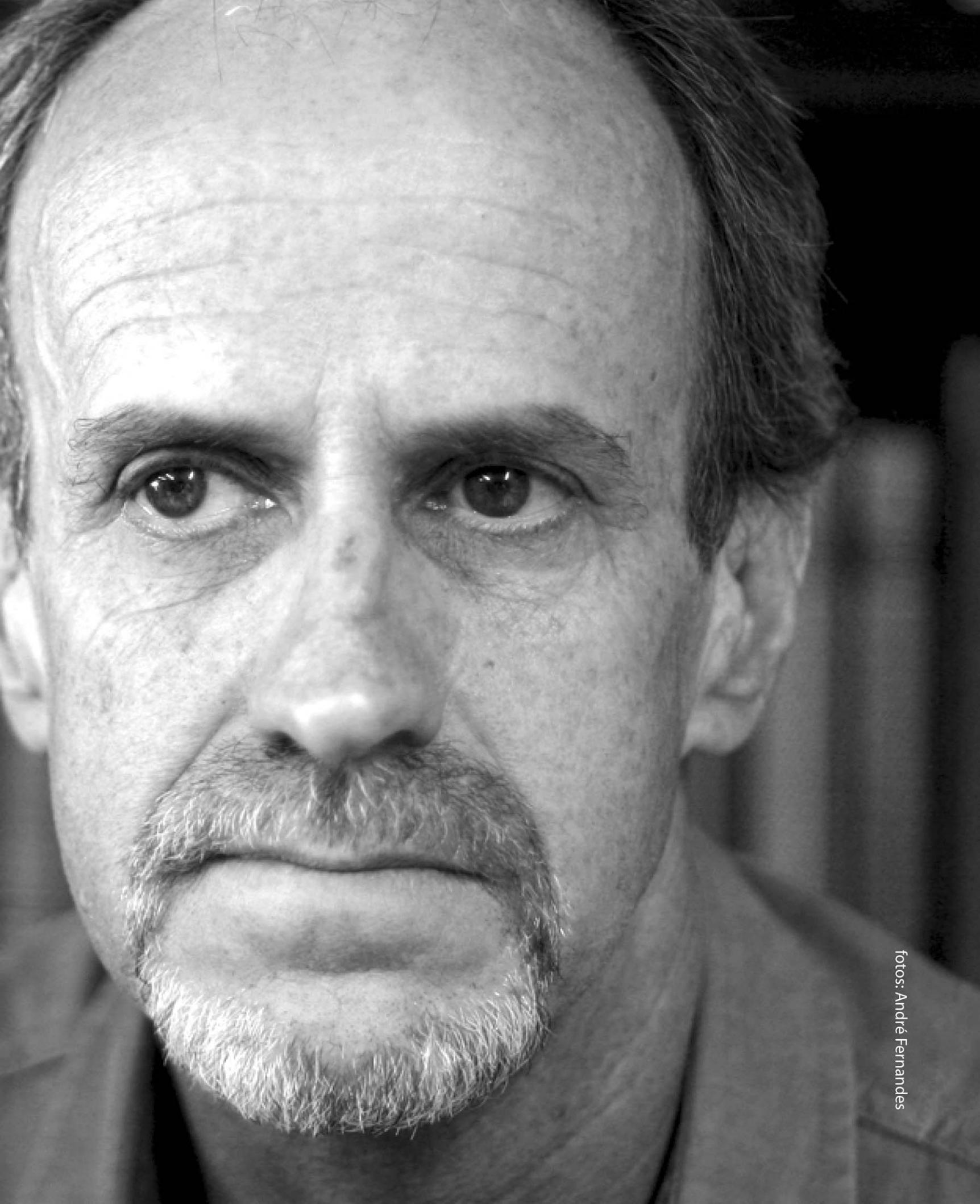
evandro, affonso ferreira Zoropító, o texto num sém fim de rodopio!

por Júlia Studart

Há um conceito sugerido por Deleuze e Guattari quando tomaram como ponto de partida a obra de Kafka: o de uma literatura menor. Não nos sentimos de algodefato menor, inexpressivo, mas nos sentimos de um certo subversão da língua, de tornar a maior, feita também um dobrado texto, um lugar de tensão e também quando desaparecimento, um ade territorialização da língua, como se estivesse à margem, num forade mão a toda uma literatura que sedava os montes poraí, mas de uma conversa já sem viço. E é nessa medida que se pode ler, hoje, Evandro Affonso Ferreira e talvez uma usual literatura menor, aqui longe de cair nessa coisa de discursos de que um minório isso ou aquilo outro, mastentarsaber qual lugar, do onde hoje melhora se conseguem tensionar a palavra, do onde se experimenta, gira, dobra, se envergaela a página a gozo do texto que se contorce, quedá voltas, zoropító¹. Fazendo texto que é texto saltado a página, ganhar força, texto que vai e que volta, num sem fim de rodopio.

Evandro Affonso Ferreira nasceu em Araxá, Minas Gerais, em 1945, mas vive em São Paulo há mais de quarenta anos onde hoje é livreiro. Teve um sebo de nome Sagarana, antes, e agora um nome Avalovara. E é aqui onde acredito, talvez, mesmo que ele diga que não, e é muito bom que diga que não (ver entrevista), estar muito do vício das suas narrativas: aprofissão delivreiro, os livros,

os leitores, as dedicatórias, as marcas de alguma leitura mais atenta, o que fica, o que sobra do manuseio, título da obra, nome do autor. O dorso quevelas segredos da obra. Deslumbramento que lembra Borges e sua magnífica Biblioteca de Babel, galerias hexagonais, poços de ventilação, balaustradas. Aquela que será a única a permanecer aberto, solitária, infinita, com seus volumes preciosos, fixa, inútil, secreta. E a meu ver, é aqui onde mora o viço. Nesse acordo amoroso demorante, depois de toda uma vida cheia deles destrambelhos², no acordo de habitarem a sedeixar habitarem pelos livros para não se morrer. Agarrar nelas palavras fazê-las rodopiar, ecoar, paravida não ser um cansaço apenas, um difícil uso. Um morar entre que é gesto que se generoso, próprio de zelo, cuidado com o tom íntimo de cada escolha que dão contorno das sua "babel". No catalogo do acúmulo, do tempo, esse movimento que já vem indissociável ao nome – o sebo. E é quando começo a pensar em todos os seus personagens como acumuladores de certo envelhecer; e ainda os medos, e de uma outra ideia de conhecimento, de inventário, de enciclopédia. Tal como Funes, o memorioso (ainda Borges para melhor compor alguma ideia que seja) com seu mundo apinhado de menores, coisas imediatas, citações, enumerações. O curioso de Funes, para quem dormir é distrair-se do mundo³.



fotos: André Fernandes

Evandro publicou seu primeiro livro de contos, *Grogotó!* (Topbooks, 2000), aos 55 anos. Logonessa trabalho como sminicontos, com as narrativas mínimas, um texto já oblíquo, torcido. E começamos a perceber esses textos si-nuos, o que é um gesto que nos depara com um novo lugar detênsão na escritura, o texto dentro do texto, com uma outra apropriação da experiência como espaço e para a construção de um espaço literário outro, particular, individual, sincero. Um sintaxe em devir, reinventada, reconduzida que, mencionando Deleuze e mais umavez, faz surgir um língua estrangeira no língua, um gramático desequilíbrio. E, além disso, um texto de belíssima musicalidade, nas versões de uma ou tra literatura que é paraser também, em muito, uma literatura oral, sonora. Ousóisso mesmo. Logo aqui, e o que depois se reforça nos outros livros, uma certa conversa vertida pra trás. Talvez como Guimarães Rosa quando disse de Sertão espalhado para um todo lugar, de um diabo que vive dentro do homem, um medo produzido, um depositado: o João quem não sabe o que era nem mesmos existiu João, como em poema de Carlos Drummond de Andrade.

Nos segundos trabalhos, *Araá!* (Hedra, 2002), o que elemesmomechamou de romance-saudade em carinhosa dedicatória, o deserto parece ser mesmo, definitivamente, um dentro da gente. E a prosa de Evandro, ame uver, começa a dizer com mais fôlego, de um sólido mundo, das dificuldades do velhecedor, dos nossos adocimentos na vida. Um intervalo, um tempo que se faz de esperar que é preenchido pelo catalogar das perdas, dos nomes, das palavras, das saudades. Aqui o tempo abre um afendo profundo na página, um avinca alongada, quase a perder de vista, nesse movimento sempre desugestão para o desaparecimento. E se já Guimarães Rosa imprimiu

Grande Livro que todas a saudade é uma espécie de velhice, a que atravessa aquele amor de Rio baldor por Diadorim, no enviesado da vida nos Sertões, Evandro repõe a maneira de jeito nesse mesmo lugar de oer, o medo: envelhecer é catalogar perdas, é ainda desfiar um folio de queixumes, ficar desemparelhado do mundo, é a fatiguar o coração da saudade. Enos revela que a vida é força inventar arte de urdir paciência. E assim se usam personagens desfiamos dias, oscanações. Assim, para Seleno Selser, o vendedor de encyclopédias de Araá!, viúvo de 70 anos, sempre às voltas com sua solidão primitiva, assaudade de Mégara, sua mulher, um vazio quedó e que deixa as mãos com claridade frouxa, resta ainda um distrair, todos os dias, tirar livros da caixa, catalogar títulos, estante nova, Ben Jonson... Walter Scott... criador de romance histórico; Pirandello... Malaparte... Ésquilo... primeiros casos de celebridade literária que a história registra; Cruze Sousa... Biyo Casares... Ítalo Svevo... tomou aulas de inglês sem Trieste com um jovem irlandês cujo nome era James Joyce – ufa! cansado melhor dormir.

Em 2004, Evandro Affonso Ferreira lança *Erefuê* (Editora 34). Uma história que se passa inteira no corredor de um Fórum, a esperade Menelau pelas sentença do seu crime: Diavulcâncio apresentando o zido fornolento estou simpuh se jacomofmelhorficara quién quanto posso no corredor de Fórum hâlogo-logotranca fiado de quinze anos talvez num caramão longueira qualquer compondo quem sabedese peradas endechas. Ainda, e sempre, o interesse em compor um lugar outro, um adimensão de espaço literário muito particular num sentido voltado ao simbólico, à construção de um imaginário. Um híbrido, na sua idéia de movimento, de passagem, como se o livro não fosse mesmo o fim último da literatura, mas sim compor um espaço para um língua diverso dentro da própria língua,

feitou magagueira, um tropeço, um cacoete. Criar o que parece um avesso, um reverso da linguagem é trabalhar a forma, quase como uma obsessão, para reafirmar sua literatura como sonora e fazer com que as palavras rodopiem na página e delas para os seus outros livros, e de um para outro, num balé contínuo. Um retorno dada a imagineria, nos sentidos mesmos da imaginação. Desta maneira, Evandro cada vez mais me convence de que deslocamento, e estranhamento, com relação a prosa que se faz hoje é a crítica, que demora muito a enxergar a entender, isto quando se esforça para entender, trabalhos como o seu. A meu ver, Evandro tenta construir defatou um texto-morada, um para, um lugar afetivo e amoroso, apenas isso. Um romance contínuo, como mesmos referem entre si, aqui, o livro-da-ribaldaria-sonora.

Erefuê é mais um livro-catálogo-de-perdas. Agora das saudades de um nome só que é vários, Helena, helena-lascívia, helena-sulamita, helena-hetera, helena-rabacué, helena-cróia, helena-saca-trapo. A Helena-tanta por quem Menelaus perdeu a cabeça em tanta dela, mulher luxuriosa. Alonga e spera pelo veredito faz girar nas páginas magníficos minicontos e ainda um porção de referências literárias. Referências que parecem ser sempre um novo e imprevisto retorno à biblioteca, aos livros, à memória, como também lugares sacumulos, das saudades, dos inventários que fazemos para nos distrair do tempo, dos nomes que habitam a morada do texto, mas que também nos dão a exata dimensão das nossas faltas, dos nossos vazios.

Essa profusão de minicontos em Erefuê, de certa maneira, se distende, num desdobrar-sesobre si mesmo, em rotação, para povoar, logo depois, Zaratempô! (Editora 34, 2005), seu livro recém-lançado. Nele muitos livros

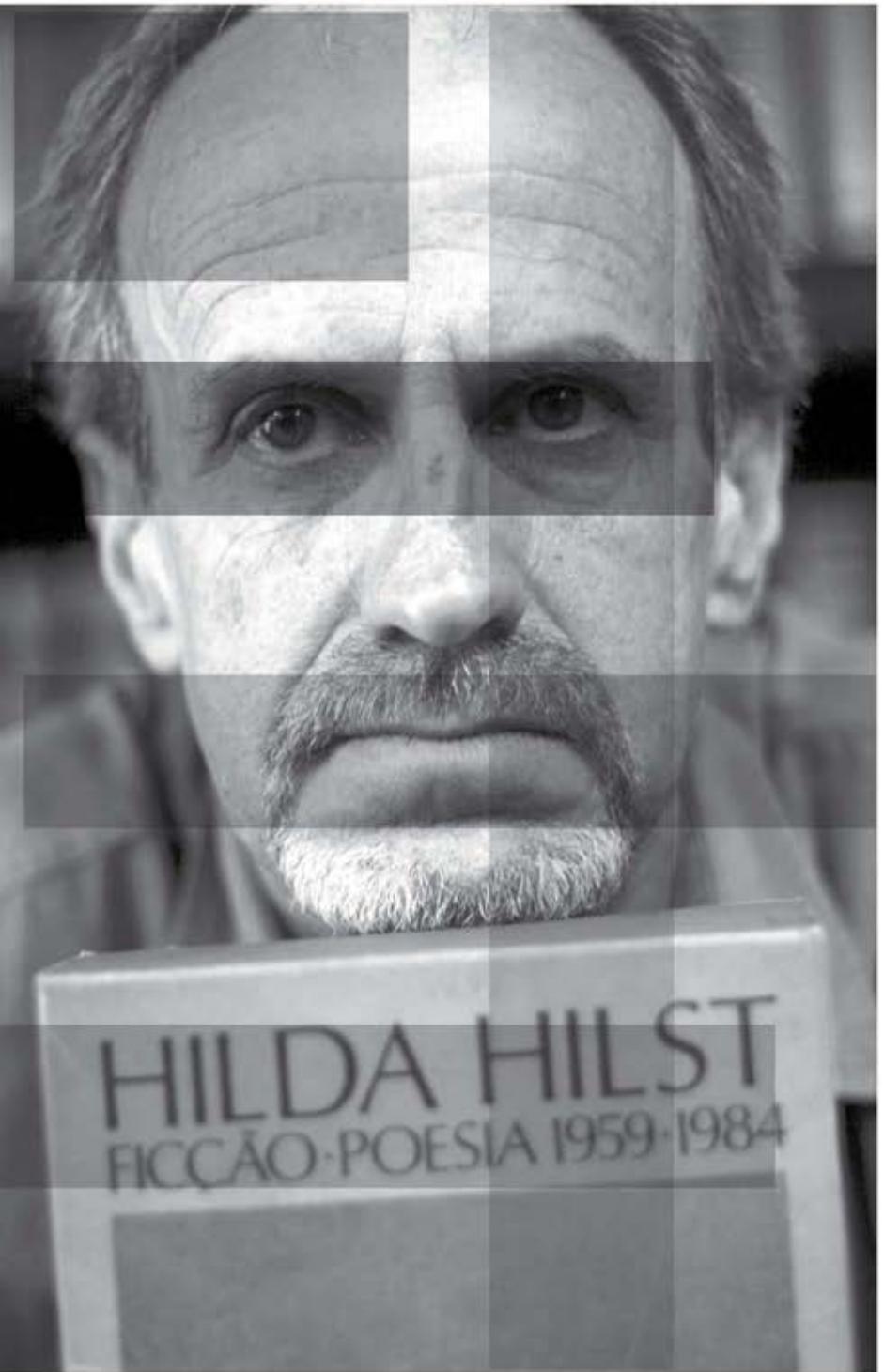
anteriores. Por vezes passagens inteiras que se repetem, que passeiam de lá para cá, decáparalá, num ziguezague, feito também a mim e de grandeza única romance-saudade em movimento contínuo. Neste último livro uma conversa com a irmã ausente queria sgo ou sara levou de caminhoin omne tempus; mas deixou a saudade. Nesse ponto, a pergunta talvez seja pensar o que se pode dizer ou tomar como ponto de partida a cerca de um narrativa singular. Se narrativas dentro, de um diário íntimo, se narrativas íntimas, se talhos de saudade, se ainda apena sminicontos, se apena se sempre o medo. Mas isso é também o que mais interessa, que o trabalho de Evandro Affonso Ferreira aponta numa outra direção, como interrogativa, como questão, assim, qual livro por vir. Zaratempô!, também, como os seus livros anteriores, é um livro incompleto, é um aceno, um desaparecimento. Um lugar onde linguagem pode ser uma tracóisa, um organismo que se.

Enfim, o que segue ainda que neste dossier é apenas uma outra conversa cheia de delicadezas, um trocagental em forma de entrevista, feita toda ela por e-mail, e que ganhou força no gesto de preparar a edição da conversa, noirmontando, depois escolha de um mapa que nemostra de pedaços dos livros e ainda textos inéditos cedidos por ele: um que seria de Zaratempô! e outro um pequeno trecho de novo romance que parece ainda sem nome nem nada, mas com mesmorodopio, e também só para dar ao tom deixa a conversa rodopiando e acabando num sem fim para sempre que é mesmo muito e muito melhor.

¹ Palavra muito utilizada por Evandro Affonso Ferreira. Segundo dicionário seu particular de palavras sonoras, zoropító quer dizer louco, fora de si.

² Evandro Affonso Ferreira em entrevista aqui.

³ Jorge Luis Borges, em Ficções, pág. 128 (São Paulo: Globo, 2001).



bulir a casa de marimbondos

OROBORO Você, mineiro de Araxá, há 40 anos habitante de São Paulo, começa a aparecer como escritor aos 55 anos, com *Grogotó!*, no ano 2000. Normalmente, e você deve saber isso, num Brasil recente, a pessoa publica muito cedo e tudo parece ser feito com muita pressa. O que talvez sugira algo como: o escritor publica antes de escrever, o crítico julga e define o que quem não leitor termina lendo o que ainda não está escrito. Onde você coloca se trabalha em relação a essas questões, por exemplo?

EVANDRO AFFONSO FERREIRA Minha questão é etílica: vida toda quase num abeberroniada aquela aí trabuzana que só vendo; olhos desdesempre avinhados; anos seguidos literalmente inebriantes; lianada escrevia nada; geração-derrubar-ditadura-nelas-mesas-de-bar; discutia adnauseam Marx sem nunca ter lido orelha sequer dele Capital; brocoió da silva xavier; sempre fui; súbito infarto chega furta passo catrapus! havidavirou pelo avesso; 45 anos nos costados; dez dias na UTI trinta dias nele hospital; quatro safenas couso lousa; nunca mais sumiu cigarro nunca mais brueguicen en huma casa; livros a mancheias; música; Billie Holiday Bruno Schulz Chet Baker Antonio Lobo Antunes Johnny Hartman Hermann Broch Benny Goodman Giorgio Manganelli assim por diante; e medo; muitos sobressaltos salvoroços assombamentos; ano inteiro ouvindo entre

aspas passos delas Parcas no corredor; neurose; jeito huifamerefugiarneleslivrosnelesdiscos; dereotype huifalendo Cortázar fia tluxeh-eh acho que consigo criar prosa curta assim digamos de tenta ipe; nasceu Grogotó!; crítica modo geral gostou muito mas cat-râmbias!elogiosquasesempreasnáticos; parvoiçada eh-eh epidêmica.

OROBORO O que, então, Evandro, você pode dizer mais a cerca da maneira que a crítica é certo trabalhos, como seu, por exemplo, além de logios náticos ou coisa de parvoiçada, epidêmica? Você não acha que a crítica, tão frágil como é, demora muito a entender ou incorporar ao discurso dela trabalhos como o seu?

EVANDRO Brocoiós aí modo geral gostam deles enquadramentos; tudo compartmentalizado; fulano-dos-anzóis-carapuça fica aqui ó na gaveta dele Graciliano Ramos; fulano-fual-de-tal fica aqui ó na gaveta do Guimarães Rosa; crítica literatura modo geral a jornalistizada; rasteira; descartável; quem entende fica amocoado na biblioteca particular dissecando a nau se amea escritor esso-bejamento geniais; puh que proeza; brocoiós pensam que descobrirá mapólvora; cérebro dele acadêmico precisaria ser absterido vez em quando; poucos sabem lidar com o ainda-agora o ainda-há-pouco eh-eh com o momento em que escrevemos; medo; universidade mode geral carece deles gênios intrépidos; escrever é meter-se em altas cavalaria; shábulir com casas de marimbondos; parece que ele crítico acadêmico (que geralmente sabe mais do que os resenhistas de plantão) não gosta de amarrar o guizo no pescoço do gato; pena; estudar a pena é aut morto é morbideza a talho de foice.

OROBORO O quanto a cidadezinha de Araxá fulgurou como imaginário em seu trabalho, no sentido de uma tradição (tradição que é tão incorporada a ponto de estar morta, estando viva, como uma propriedade desapropriante) que está tão incorporada em você que você nem precisa ficar dizendo dela?

“poucos sabem lidar como ainda-agora o ainda-há-pouco eh-eh com o momento em que escrevemos”

EVANDRO Ara-xá é apenas um retrato na parede mas dia chô dói nada; saí menino dela cidade; dez onze anos sete tanto; querendo ou não fiau! pedra dele estilingue continua

atravessadiça aqui na garganta.

OROBORO Você é livreiro, de profissão. Tem um sebo agora, o Avalovara. Teve um sebo antigo, o Sagarana. Borges dizia que organizar bibliotecas é exercer, de alguma forma, o ato crítico. O quanto disso, desse fazer cotidiano, diário, o do livreiro, está em seu trabalho como escritor?

EVANDRO Quase nada; meu trabalho de escritor nasceu de fracasso; da inquietação de toda uma vida cheinhas deles destrambelhos; se viu a dativa desse sidão bem-sucedido feito a gorana estaminha empreitada de livreiro hâescrever é certamente livros à la Paulo Coelho Jô Soares que jandos.

OROBORO Pois conte então um pouco dessa sua chegada em São Paulo, o que fez quando e ainda menino não se saciada de engolir, e depois desse fracasso, e mais ainda, quando é que você se aproximou desse negócio de ter um sebo, outro, assim, Sagarana, Avalovara, esse convívio entre livros e de negociar livros?

EVANDRO Bancário; dezoito panglossianos anos eh-eh; garoa súbita neles meus costados mineiros; muitobilharmuito boteco (de todos os snipes) muitas noites maldormidas na paulicéia; livro nenhum repito; vida; apenas vida nua-crua on-line; prostitutas jogadores profissionais de bilhar bandidos boêmios de todas as latitudes; alguns intelectuais; um deles sabia tudo sobre Dostoiévski; entre um gole e outro eh-eh distintome contava trechos inteiros dele Irmãos Karamazóvi por exemplo; outro sabia tudo sobre Machado outro sobre Graciliano; eram meus amigos edos; conheciam muitos livros de

ouvido; botava bancada de intelectual sem ter lidou com único livro; até os 45 anos de idade; estrelionatário-literário; fui sim; passei ditadura quase sete anos bebendo discussões politicas literatura teatro e teatro causal ou não de ouvido; ler ne caneres; ressaca danada; consegui ame concentrar de jeito nenhum; cinema nunca gostei; costumodizer que sempre preque assisto a um grande filme aiode cinema com anítidas sensação de quem acabou de ler a obra lha de um grande livro; debo checlar o mascatrâmbias! tem fundo de verdade; ah depois que operei do coração (treze anos atrás) resolvi ler lerler; sete anos depois juntei muitos livros ganhei outro tanto de amigoseh-eh montei o Sagarana; pequeno; durou três anos; agora montei o Avalovara; acervo impecável.

OROBORO Outra coisa, e de fato, é que no Brasil, deu uma certa forma, se costuma pensar a literatura a partir de alguns rótulos (geração, coluna, grupo, espaço, exercícios de futurologia, etc.). Na década de 90, por exemplo, Nelson de Oliveira organizou duas antologias de narradores – Geração 90 Manuscritos de Computador e Geração 90 Ostransgressores, antologias das quais você não faz parte. Mas em artigo para o Jornal do Brasil, Marcelino Freire defendeu o seu lugar numa geração e o incluiu nela, dos anos 90s, catalogada por Nelson de Oliveira. O que você pensa e pode apontar sobre isso?

EVANDRO Não neca neres de jeito nenhum; apenas não conheço todos os leitores; criei nesse meu antigo sebo Sagarana num grupo de escritores (debates entre revistas e autores); nesses encontros apareci a todos os leitores da chamada Geração 90; só isso; não adianta mais; tenho 60 anos; sou de outro time há o tempo de escritor que depois de velho resolvi desafiar demônios de antanho; nada contraria paixão da tida aí mas também não adianta favor deh-eh; meus gastos literários são esquisitíssimo: gosto apenas de

“sempre que assisto a um grande filme aiode cinema com anítidas sensação de quem acabou de ler a obra lha de um grande livro”

prosa poética; gosto de escritores que privilegiam a forma; ligados a canções de jeito nenhum para histórias; literatura é encantamento; só não encanto eu é que o jornalismo é feito-montado em capa flexível ou rígida.

OROBORO Mas, Evandro, a maioria do que se produz hoje de prosa no Brasil, por exemplo, é realismo às avessas, ao contrário. Sem encantamento. Linguagem precária, frágil. O jornalismo é feito, como você diz. Então, o que nos sobra para encantamento, para o esquisitíssimo?

EVANDRO Vicente Franz Cecim e Juliano Garcia Pessanha huífa dois escritores encantadores.

OROBORO Maurice Blanchot afirma que muitos críticos, ainda hoje, parecem creditar sinceramente que a arte é literatura temporaria e eternizar o homem. O seu trabalho parece apontar num lado direção contrária, que a arte assim como a vida também tem o seu morrer, um seude desaparecimento ou sentido de construção para a permanência. Parece também apontar para aquilo que Benjamin chamava de sagas como estilos de presente ou que vivemos sumidos na saturação de agora. Como você coloca os seus livros em relação a este tempo de agora e à condição da arte como algo aparentemente sem lugar no mundo contemporâneo?

EVANDRO Costumo dizer alto-bom-som que só existe hoje a verdadeiramente importante na minha vida: meu médico-cardiologista; somente ele poderá garantir meu eterno-enquanto-dura; biografia o braque taishātudore legado ao abandono; dou a mim a proque vai acontecer depois das Parcasto Octocel na porta de casa; finis; escrevo para esquecer trêssafenas já totalmente obstruídas; vivo literalmente por um fio; me agarro nas palavras; por um questão de sobrevivência devo preciso me saturar de agora.

OROBORO Seu trabalho indica pistas que não termina num livro, que não se encerra num livro. E que o livro parece não mais ser o fim último da literatura, mas muito mais um projeto com a linguagem

que vai, numa passagem, de um livro a outro, num rodopio. Com o muitas das passagens que se repetem em seus livros, de um para o outro. Como é isso em seu trabalho, do livro como um desaparecimento, tendo em vista que se usou livros para cem não terminar neles mesmos?

EVANDRO Observação interessante; magnífico poeta português Heriberto Held tem seus poemas contínuos; brocoiá aqui sem querer está escrevendo seu romance contínuo; escrevo o livro-da-ribaldaria-sonora; é tudo convenhamos uma tranquilidade nesse só; gosto de engraçar ao leitor; sadismo literário; pesquiso muito; entretenimento pessoal; catarse; verdade um mas só: escrevo para esquecer que minha alma está cansada de minha vida.

OROBORO Você parece praticar uma espécie de narrativa do íntimo. Quais sistemas, questões, os gestos do cotidiano, da vida mesma, do mundo, o seu olhar selançam a forma como interesses separar virar assunto, motor, sentido dentro de seus livros?

EVANDRO Não; motivo um só: forma; assuntos vão surgindo a fluxo nos vestígios da forma.

OROBORO Pois fale um pouco mais desse seu trabalho com a forma, Evandro, porque você disse que pesquisou muito. Daí conte como você pensa, monta, brinca, distende ou nem pensa, nem monta, nem brinca, nem distende esses seus vestígios da forma?

EVANDRO Sou obsessivo pela forma; muitas vezes fico três quatro horas num trecho de dez linhas; idiotaice sei disso mas dia a dia gosto; de veria ser um Job imum Paulinho da Viola um Cartola não um escritor; pena; consigo cantarolar direito se queratirleiopaunogato; vexame; reatando fio de ame a dia a dia gosto-façoliteratura sonora; pode não ser boam a mestre sonoridade; tem sim; mania; obsessão; planejo nada não; é trabalho duro; sangue suor som.

OROBORO Quais suas referências para a construção da linguagem que pratica? Pergunto isso por causa de um certo construções de um espaço narrativo que, a meu ver, é quase propriamente seu, muito particular, indivi-

“gosto-façoliteratura sonora; pode não ser boa mestre sonoridade; tem sim; mania; obsessão; planejo na dia não; é trabalho duro; sangue suor som”

dual, íntimo e denso. Como, por exemplo, a organização de certo vocabulário, certodicionário seu, que tem também um espaço significativo próprio.

E V A N D R O

Tudo começo doze anos atrás quando notei num caderno a palavra ESTRABULEGUICE; achei bonita; sonora; a ospoucosfui anotando outra; hoje tenho mil palavras sonoras; dicionário próprio; não sabia dizer exatamente como quando surgiu esse meu jeito esquisito de escrever; virou um cacoete um vício até meus e-mailssão cheios deles huifas a precatrambiascousalouisa; coisa de sujeitinho zuruó-zoropító certamente.

OROBORO E as suas referências, o que muito leu, o que gosta de ler, o que muito viu, o que gosta de ver. E o que não leu, que gostaria, o que não viu ainda, que gostaria, como aquilo que você dizem Zaratepô!, desbertvisto Picasso aos 60 anos. E quanto disso, dessas referências em seu trabalho, se sim, se não?

EVANDRO Leo muitos livros sobre filosofia; A filosofia naiada de média, por exemplo, dele Etienne Gilson li duas vezes; catáu de quase mil páginas; duas vezes; quando gosto leo-releio; Os passos em volta dele Heriberto Held também litrês vezes; A casadas belas adormecidas dele Kawabatali duas; pretendolera mais uma vez ainda esteano; Sanatório dele Bruno Schulzli umas quatro vezes; lei o poucos bons livros muitas vezes; critérion hum; compromisso hum; não gosto paro naterceira quarta página; seja Faulkner Eco que jandos; modismone caneres nem pensar; sou homem do passado; tenho um enorme passado pela frente; o contemporâneo me entedia; não foi por acaso que ele Millôr Fernandes me chamou de vivificado das palavras; vivo andando em marcha-ré; video game musical: Billie Holiday Johnny Hartman que tais.

Dicionário Próprio de Palavras Sonoras

- AFUAZADO – Enfezado, irritado; espantado, assustado
BADALHOCO – Pessoa imunda, repugnante
CAMUMBEMBE – Vadio, vagabundo; mendigo
CAPIONGO – Gatuno hábil
DERRENGADO – Descadeirado
DESBRIADO – Desavergonhado
DESPAVORIDO – Que perdeu o pavor
EBRIFESTIVO – Alegre de embriaguez
EMBOANÇA – Conversa fiada; lorota
EMBRECHADO – Pessoa importuna; empecilho
FLIBUSTEIRO – Trapaceiro; ladrão
FORRÓIA – Égua velha
GARABULHA – Confusão; trapalhada
GROGOTÓ! – Agora é tarde; acabou-se!
INGRANZÉU – Linguagem ininteligível; barulho; balbúrdia
JERIMBAMBA – Briga de que resulta morte
LABRUSCO – Rude, tosco, inculto
LESCO-LESCO – Lida cotidiana
MALACAFENTO – Adoentado; indisposto
MANDRIÃO – Preguiçoso
MANÉ-DO-JACÁ – Tolo
MASTRONÇO – Sujeito grande, aspecto grosso; malvestido
NINGRES-NINGRES – Pessoa acanhada, tímida
OIGALÉ! – Expressa admiração, espanto
PABULAGEM – Orgulho vão; empáfia
PALONÇO – Imbecil, tolo
PANGARAVE – Vil, desprezível; miserável
QUETILIQUE – Pessoa de pouca importância
QUIZÍLIAS – Brigas, rixas, desavenças
RABACUÉ – Reles, ordinário
RELAMBÓRIO – Desinteressante, sem graça
SACA-TRAPO – Astúcia, manha
SAMBANGO – Indivíduo fraco, sem forças
SARRABULHADA – Confusão
TAFULÃO – Sedutor de mulheres
URUMBEBA – Sujeito fácil de ser enganado; crédulo
VIRADO NO TEMPERO – Travesso, traquinias
VIVER NA TINIDEIRA – Aperto, falta de dinheiro
XENDENGUE – Ordinário, imprestável; magro, seco, frouxo
XURUMBAMBOS – Badulaques
ZABANEIRO – Desavergonhado
ZARATEMPÔ! – Exclamação ao deus tempo
ZOROPITÓ – Louco, fora de si

Fuão da Silva

Soufulanodamuleta,sempre,ocoxo,aqueleque
manquitola,ozé-dos-anzóis-carapuça,oinomi-
nado;mãe,querojogarmoedinhanochapéudoaleijadi-
nho;desdequemeentendoporgenterejeiçãoedesprezo
repelência,neca,adiantainsistirnão,molequedefeitioso
nãojoganomeutime;diainteiroouço,perguntapraele,
omané-cangalho,conhecidetudo,todos;fulano,manqui-
tola,zé-dos-anzóis-carapuça,aleijadinho,mané-cangalho,
assimpordiante;nessestrêsanosquase,sentadinhone-
taesquina,ninguém,ninguémmesmonuncamechamou
pelonome,Eisenhower,nasciquandoeleestevenopaís,
Eisenhower de Sousa. (de Grogotó!, pág 96)

Paíba

Teria sido melhor ficar de vez na UTI, bosta,
encarar defrente todas essas visitas, amigos
sogracunhadosesposafilhos,bosta,todosse deleitam
comacarade pascóviode cerebrado aqui,bosta,sou o
fracasso em figura degente,opalonço,aquele que nãodeu
certonaporradavida,bosta,leionosolhosdela,minha
sogra,quedizlá comosseusenfatudosbotões,genro de
merda;fulustrecodumafiganão teve competêncianempara
se matar. (de Grogotó!, pág 49)

III Mégaraminha Mégarame uléxicovocêsabepres-
cindedapalavradepressão mas catrâmbias! ama-
nheci numamazombicequesóvendo; melancoliadaque-
las, perspectivanenhumaapre! vidaívia; se vocêfeito ele
Adônisressurgissequatromesesporanohuifa; vontade
deficarassimdeitadodiatodo; esquecinãoquerida, ani-
versáriomêsquevem, setentaeumanos; brancasnuvens,
claro, tenhonadaparacomemorar; toquedeclarimseria
quemsabecabívelparaprantear Seleno-Resíduoesteque
ficoualémdonecessário; simqueridasouremanescente
doinfortúnio; souaquelequesobreviveuàsperdas; sou
despojonasmãosdeladeusa-desventura; minhaspilas-
trasdesprotegidashdecúfiasdesabam; Mégaraminha Mé-
garasoprarvelinhasqualnadasoutoco-epílogodevelade
claridade díbia." (de Araã!, pág. 109-110)

III Epa! curuzudecachorroemtodocantofu! cidade
suja; eh-eh! tragicômicoestrabulenga aliparado
vitrineconversandocommanequimdegesso; comédia
aristofânica; andandopelacidadepercebonúmerocada
vezmaiordegentevivendodigamosnumabrumaimpe-
netraveldedemência; nãodeveexistirestatísticaconfiável
arespeitomas pesquisandoaolhonugaranto que ma-
caquinhosproliferamamancheiasnosótão." (de Araã!, pág.
23-24)

IIOutro dia li que as mulheres viúvas dos cátaros eram tiradas às fogueiras sem que se moviam oscilando sobre os maridos; helena-réptil-viscoso também deve ir pegar pena de dez quinze anos talvez feito eu; matei sim mas culpa foi de la fuampa aquela que vida toda chorou por um olho azeteite hâpor outro vinagre; Helena de Menelaus achou não Lícores de Virgílio; claramente o ego hoje aqui à topo nesse tecido redondo sinistro façome a culpa: consciente-inconscientemente não se é sempre vista grossa; fico constrangido bisonho esquivoso comigo mesmo quando penso nisso mas huífa tempo todo oachei excitante lambexenhenhêma que leva visita de pormanzapes de todos os naipes;" (de Eferuê, pág. 23)

IIAh sim querida Concordo: viemos todos modos de gente ralprapera perpétuar a barbárie; mortais todos os que tinham terebro hâemulos deles rubor monstro aquele quem hanque! devora a própria cauda; somos todos puhs animais desacaimados; pensando melhoreh-eh gênero humano digamos conspira a favor do jogode antinomiasheraclitiano: somos enãos somos maus aomes motivo tempo; hummm vontade súbita de improvisar minicontos..." (de Zara tempô!, pág. 30)

II Sim senhor gosto mesmo de fazer vezem quando caminha no quintal sombro de cada cimba anômala; a-há querendo puh característica principal daqueles que navegam adnauseam sobre ondas impetuosas da prepotência é o menor escabão à opinião alheia há alterianada minha discordância a-há entendi: o senhor quer conversar - caminhar comigo; aí e enfeiteiro - régulo - batalhoco (os ostomias daquelas) pelo tom de voz ixecarente das faguices arrulhos que jandos; a-há se upai - garimpeiro vinte anos que se for a de casas a trabalhando e garimpode ouro a céu aberto puf notícia recente notifica que infeliz ixemorrendo num aindigênciada aquelas; entendi: duas décadas baldias chava que iras puhabrolhando espinhos; filho que se prezanão pode deixar paipa mais falso que seja morrer relegado ao abandono; pobre - diaboneste momento inspira confiança; história aquela sobre paipai-lobo-da-estepe fiau! patanhicet alvez deles funcionários deste ancoradouto idiosincrático; si mentidia - hâvinha longos anoses forçosin frutíferos nelas lavras diamantinas; se se ipai viu de periquizílias às dúzias aie colegas exercendo cruéis instintos de ferocidade contra colegas; lada inha de sempre catrambias! desespero necessidade inveja ganância a poder; a-há arrecada donhei o prabuscar alhures paimoribun-

dose se ipossocolaborar sim me u filho possocolaborar hum hum sempre guardo pochetinha aquinelesutiã hum hum pronto; à tout péchémiséricorde; bobagem senhorenfermeiro bobagem hâp promessa saspuhn necares dejeitonenhumeh - ehsuasmalvadezassãoabismais estãoentranhadassubmergidas nelaprópria alma eh - e conheçohá muito encandecimentos provisórios desta natureza a preamanhãmesmotoquetoquetoquecroque outravez neles escocurutostodos pufbrutezaingênita hâdeus - destino jogou já nonascedouro ácalilixiviacousalousanelasuaalmaixedesbotada; acho que fui derrisória me excedina a cridezpuhédesprezíveis sapatearsobre vulnerabilidade alheia; si mentidia - hâpassagem marcada para hoje à noite se iei quadro sinóptico de la vida toda cheinhadelesdesmandoscovardiascousalousasimcordoviagem solitária modogeral produz momentos memorativos; videoclipe - sensorium - autobiográfico; estrada principalmente etambém mnemônica feito elajabuticaba eh - eh; a-há dezesseis dezessete horas dentro de leônibus; tempo suficiente para reviver dentro de la cache mônica italiano passado de intentos sinistros; ah meu filho aproveite via gem para exorar a indulgência a os deuses doperdão." (inédito de Zaratempó!)

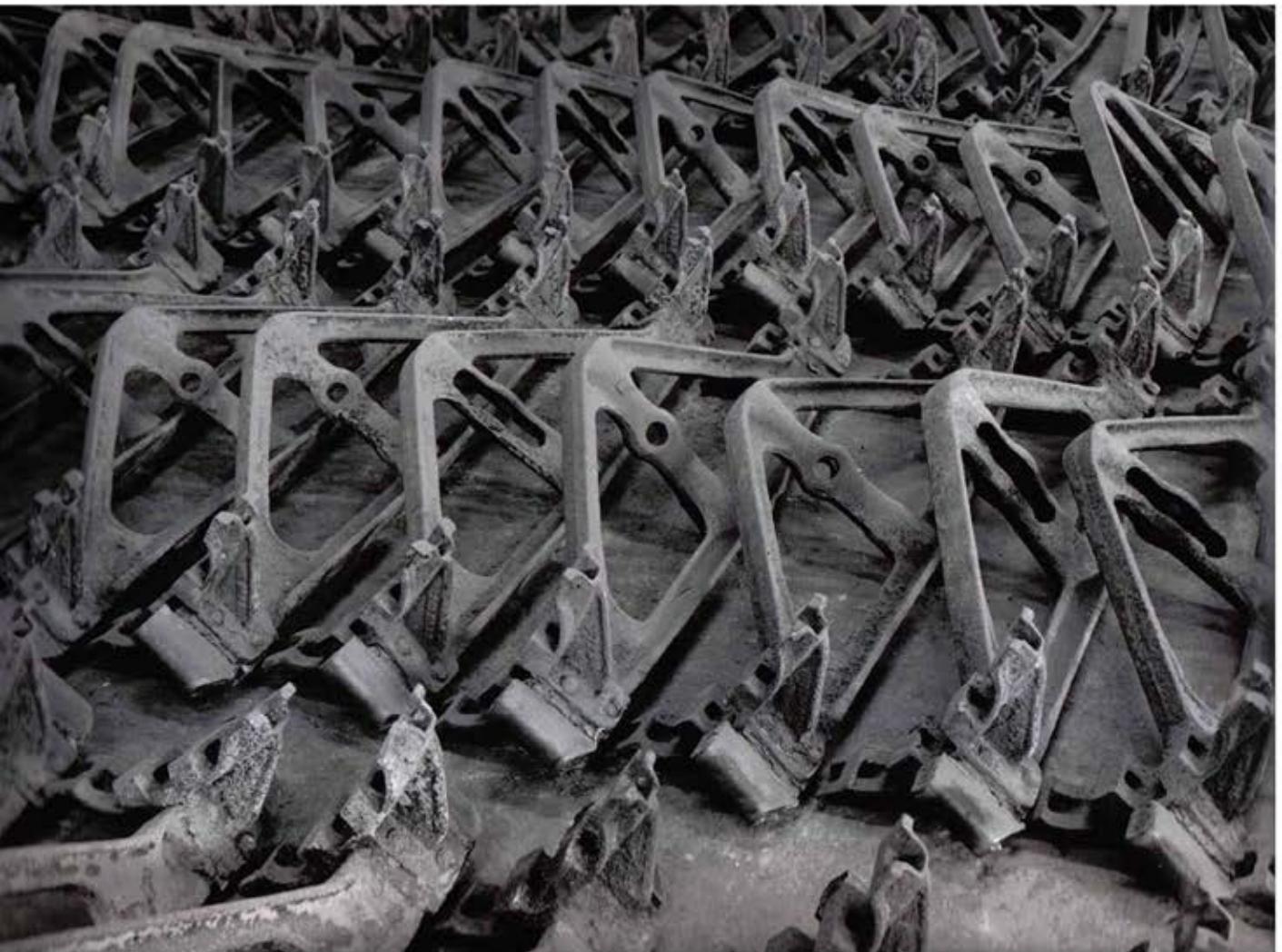
.....
.....
.....

“Exames come ledoutor-Cláudio Storti-minha-divindade-tutelara ie outro cateterismo talvez pu; hâ tremor tremelique salvo rôço apreestou e spavorizado; a-hâmedodásimasasaospés; sou paciente devasto saber di-gamos cateterístico: terceiravez que trilhotais veredas-oblíquas-insidiosas-inopinadas; mas dia chodesco briram re-centemente que a grande maioria deles exames diagnósticos nãodetecta a presença de placas moles fiau! escondidas dentro das paredes; únicamáquinacapazdevisualizartudo-todos: ultra-sonografia intravascular; caríssima; ah você sabe-sempre-soube durante dez anos arrelá! melancólico demais vivendo tempo tenebroso umbral desse paísaíde onde ainda nenhum caminhante regressou; diacho de vida-espelho-cônca vo.” (de Zaratempô!, pág. 81)

Inédito

Gostodeficarhorasseguidasnestebancoescamurrengadofingindo feitoela Ruiskahilstiana quenâodevo esquecer do incognoscível; falando isso a prerale lampejanamemórias ilhuetachamprudadelemeupaiixe estesimpudeconhecer muitobem; con-tra-ven-tor; (eh-eh acho queela jabuti cabaémnemônica hâacontecimentos pretéritos surge mafluxnelaminha cachimônia); hojedigo alto-bom-som: con-tra-ven-tor; antesjeitonenhumaele meupaidesdesempre lancouvetosobre tal adjetivo; con-tra-ven-tor hummmgostoso soletrar palavrasonora-bonita destenai penhamnhamnham depois dejabuticabaploftnocéudaboca; umavezmenina aindaoitono veano ssetanto andando à matrocano corredoro andar decima casa ouvi mamãe sussurrando pelo amor de Deus meu marido vocêdeverianunca-jamais mandar tar pobre-diabodelemulatocangueiro aquele que trabalhou pra você quinze longosanos; memória diachogrifou para sempre estetrecho: mandar tar pobre-diabodelemulatocangueiro; nun-camais deixe ita sentença escrrega da memória; paimãefilhos ninguém nunca soube que forróia aquisabe que ele con-tra-ven-tor mandou tar pobre-diabodelemulatocangueiro; semanapassada contei pra eladoutorazinha-candorosa-de-olhos-amendoado sufa evisceria almas e assim impossodizer; dificildoloroso demais manter desdesempre dentro desegredo-asfixiadestasmilitude; tempotodovidainteira olheide esconsopra e lepaí-potréia; vem querida sentaaquinocolodopapaivemixeficava espaventada assarapanta davruummmbatianumátimo minhalindaplumagem; menina intratáveldiachoreclama vamiúdee lepaí-con-tra-ven-tor; hoje a qui distante domundo isolada há meses dentro destaca cimba anômaladispensando consideraçõesdetodas latitudes a prepossodizer alto-bom-som: ODEIO MEU PAI; odiava catrâmbias! ele não existe mais.

.....
.....
.....



esqueleto



camundongo

josé luiz schoeler

sharon old sharon old

Não há Lugar para Poeta no Banquete da Vergonha

tradução ricardo carvalho

Apoetanorte-americanaSharonOldsdeclinoudoconviteparaoFestivalNacionaldoLivro,queocorreunoúltimo24desetembroemWashington.Nomesmodia,have-riaumamanifestaçãoantiguerranacapitaledadunidense.Oconvite,incluindoespacóparaleiturasdeseustrabalhos,jantarnaBibliotecadoCongressoecafédamanhãnaCasaBranca,foifeitopelaprimeira-damaLauraBushaOldseumaumgrupodeescrito-res.DetentoradeumprêmiodoCírculoNacionaldosCríticosdeLivroseprofessora deescritacriativaUniversidadedeNovalorque,SharonOldstevesuacartapublicadaediçãode10deoutubrodocombativoperiódicoTheNation,jornalabertamente contra a campanha iraquiana da Administração Bush.

Cara Sra. Bush,

Escrevoparaquevocêsaibaporquenãooposoaceitarseenvitogentilparadarumaapresentação no Festival Nacional do Livro, dia 24 de setembro, nem comparecer a seu jantar na Biblioteca do Congresso nem ao café da manhã na Casa Branca.

Em certos sentidos, é um convite muito atraente. A idéia de falar em um festival freqüentado por 85 mil pessoas é inspiradora! A possibilidade de encontrar novos leitores é excitante para um poeta em termos pessoais, e em termos do desejo de que apoesias irá se unir a seus constituintes – todos nós que precisamos do prazer, e das notícias de dentro e de fora, que ela nos traz.

E o conceito de uma comunidade de leitores e escritores há muito tempo é caro a mim e a minha coração. Como professoradeescritacriativa nocurso de graduação de uma universidade importante, tive a chance de fazer parte de algumas oficinas de leitura e discussão de textos magníficos, em que nossos estudantes viraram mestres. Ao longo dos anos, eles sensaram em mim várias situações: uma prisão feminina, diversas escolas públicas de Novalorque, um setor de oncologia para crianças. Nossoprogramainicial, em um hospital público de 900 leitos para portadores de necessidades especiais extremas, funcionava há vinte anos, criando pelo caminho amizades duradouras entre jovens candidatos à licenciatura e seus alunos – residentes de longa data do hospital que, em seu humor, coragem e sabedoria, tornaram-se nossos professores.



Quando você testemunhou alguma não-falando e quase não-se-movendo pronunciar, com um dedo dopé, num grande quadro de alfabeto de plástico, letra por letra, se um novo poema, você experienciou, demuito perto, apaixão e a essencialidade da escrita. Quando você segurou um pequeno cartão de um alfabeto de cartolina para um escritor que está completamente não-escrevendo não-se-movendo (exceto pelos solhos), e apontou o primeiro para o A, depois o B, depois o C, depois o D, até conseguira primeira letra tradaprimaírapalavrada primeiralinha do poema que ele compôs em sua cabeça durante a semana inteira, e ele ergue os solhos quando aquela letra é tocada para dizer sim, você sente o frescor direto do impulso humano para a criação, a auto-expressão, a precisão, a honestidade e a graça – e a importância de escrever, que celebra o valor da história e da canção originais de cada pessoa.

Então a perspectiva de um festival de livros me parece um maravilhoso. Pensei na oportunidade de defalar sobre como começar um programa de alcance estendido. Pensei na chance de vender uns livros, assinar uns livros, e conhecer algumas cidades de Washington, DC. Pensei que poderia tentar char um maneira, mesmo com sua convidada, com respeito, defalar sobre meu profundo sentimento de quem não deve ir a uma festa devido a raiva, e declarar minha convicção de que desejo de invadir uma outra cultura e um outro país – com a resultante perda de vida sem membros para nossos bravos soldados, e para os não-combatentes na terra que é seu lar – não só a nossa democracia, mas foi em vez disso uma decisão tomada “lá em cima” e forçadas sobre pessoas por mim de língua distorcida e por inverdades. E eu esperava expressar o medo de que tenhamos começado a vivernos sombras da tirania e do chauvinismo religioso – opostos à liberdade, à tolerância e à diversidade que aspira nossa nação.

Tentei clarear meu caminho para comparecer a festival a fim de testemunhar – como uma americana que amasse seu país e seus princípios sua escrita – contra essa guerra não-declarada e devastadora. Mas eu não consegui encarar a raiva dividida de pão com você. Eu sabia que esse sentimento de amor com você, sentiria como se estivesse perdendo o que eu vejo como a associação selvagem e insuportavelmente arbitrárias da Administração Bush.

O que ficava vindo à frente em minhas palavras era que eu estaria recebendo comida da América – da América que representa a administração que desatou essa guerra e queria sua continuação, até o ponto de permitir “rendição extraordinária”: levar pessoas de avião a outros países para serem torturadas por nós.

Tantos americanos que já sentiram orgulho de nosso país sagrado sentem mangústia e vergonha, pelo regime corrente de sangue, ferimento e fogo. Pensei nos linhos limpos da sua mesa, nas facas brilhantes e nas chamas das velas, e não tive estômago.

Sinceramente,
Sharon Olds

primitivos¹

Já ouvi falar dos civilizados,
os casamentos levados na conversa, elegantes e honestos, racionais. Mas vocês e eu somos
selvagens. Você entra com um saco,
estende o braço a mim em silêncio.
Só pelo cheiro eu já sei que é Porco à Mu Shu
e entendo a mensagem: eu ontem
à noite agradei bastante. Sentamos
quietos, lado a lado, para comer,
as panquecas compridas balançando e derramando,
o fragrante molho a pingar,
e para nos espiarmos de soslaio, sem palavras,
os cantos dos olhos claros como pontas de espadas
deitadas na soleira para mostrar:
um amigo senta com um amigo aqui.

Primitive // I have heard about the civilized, / the marriages run on talk,
elegant and honest, rational. But you and I are / savages. You come in with
a bag, / hold it out to me in silence. / I know Moo Shu Pork when I smell
it / and understand the message: I have / pleased you greatly last night.
We sit / quietly, side by side, to eat,
the long pancakes dangling and spilling, / fragrant sauce dripping out, /
and glance at each other askance, wordless, / the corners of our eyes clear
as spear points / laid along the sill to show / a friend sits with a friend
here. // Anonymous submission.

¹NT: o poema também pode ser todo idônio feminino. Podem ser dois amigos, duas amigas ou um casal. Em inglês não se define isso no poema.

o pênis do papa

Pende dentro de seus mantos, delicado
badalo no centro de um sino.
Move-se quando ele se move, o espírito de um peixe e um
halo de algas de prata, pêlos
balançando no calor e no escuro – e à noite
quando os olhos dormem, ele se levanta
para louvar a Deus.

The Pope's Penis // It hangs deep in his robes, a delicate / clapper at the center
of a bell. / It moves when he moves, a ghostly fish in a / halo of silver seaweed,
the hair / swaying in the dark and the heat -- and at night / while his eyes sleep,
it stands up / in praise of God.

sexo sem amor

Como é que eles fazem, os que fazem amor
sem amor? Belos que nem dançarinos
deslizando um sobre o outro como patinadores
sobre o gelo, os dedos enganchados
dentro do corpo do outro, faces
vermelhas como bife, vinho, úmidas como
crianças ao nascer cujas mães irão
dá-las. Como eles podem chegar ao
chegar ao chegar ao orgasmo ao Deus ao chegar às
água calmas, e não amar
quem chegou lá com eles, a luz
subindo leve como vapor da pele deles
junta? Esses são os verdadeiros religiosos,
os puristas, os profissionais, os que não vão
aceitar um falso Messias, amar o
padre em vez do Deus. Eles não
confundem o amante com seu próprio prazer,
são como grandes corredores: sabem que estão sós
com a superfície da estrada, o frio, o vento,
o tamanhodostênis, o estadogeral desusa a saúde cardio-
vascular – apenas fatores, como o parceiro
na cama, e não a verdade, que é o
corpo solitário sozinho no universo
contra seus próprios melhores momentos.

Sex Without Love // How do they do it, the ones who make love / without love?
Beautiful as dancers, / gliding over each other like ice-skaters / over the ice, fin-
gers hooked / inside each other's bodies, faces / red as steak, wine, wet as the
children at birth whose mothers are going to / give them away. How do they
come to the / come to the come to the God come to the / still waters, and not love
/ the one who came there with them, light / rising slowly as steam off their joined
/ skin? These are the true religious, / the purists, the pros, the ones who will not /
accept a false Messiah, love the / priest instead of the God. They do not / mistake
the lover for their own pleasure, / they are like great runners: they know they are
alone / with the road surface, the cold, the wind, / the fit of their shoes, their
over-all cardio- / vascular health – just factors, like the partner / in the bed, and
not the truth, which is the / single body alone in the universe / against its own
best time. // Submitted by zenfishsticks



escrever para morrer

apresentação e organização
ademir demarchi

foto: giovanisantos

Sérgio Rubens Sossélla nasceu em Curitiba em 27/2/1942 e morreu em 18/11/2003 em Paranavaí, cidade onde interriu o Paraná que escolheu para viver e encerrar a profissão de juiz, depois de ter trabalhado em duas outras pequenas cidades. A esse à hipocrisia e convenções do meio jurídico, não se interessou em fazer carreira e voltar à capital, preferindo ser escritor e construir uma biblioteca, anexa à sua casa, para onde ia e passava a dia todo lendo e escrevendo, meses sem sair desse ambiente.

Chegou a publicar mais de 300 títulos de livros, concebidos artesanalmente do conteúdo à capa e depois impressos com cerca de 10 a 30 exemplares, partidos quais enviava a alguns poucos amigos, considerando os publicados, segundo um uso comum no mundo jurídico, "tornar público", meio do qual fez parte por muit tempo, e que à literatura aplicava como uma desuas boutades. Sua obra combinava a ideia de prospecção da memória e ourivesaria, não à toa, um título de 2000 se chama minassossélla, como aparece na capa amarela, ou simplesmente internamente, com um poema/epígrafe de Valéry que lembra ao desavisado leitor que "um diamante vive mais / do que uma capital / e uma civilização", sugerindo que seria para ele o poema.

O cinema era para Sossélla uma fonte de imaginação inestimável, por isso o título ao lado, "Viver para morrer", certamente é arianoseu agrado, quer por assimelhar-se a um filme, quer pela característica que aproxima de um máxime como as que estão em vários dos seus livros – Nunca mais ou travez, por exemplo, usurpado de um filme de James Bond para ser o título de um livro bem demonstra, ilustrando a eficiência desse duplo víés de ser um referencial fílmico e uma frase lapidar. Mas há também nesse título uma outra característica que sinilizam a sua predileção de Sossélla, a de admirar vidas exemplares, engrandecidas sem sua tragicidade, tal como era de Van Gogh, que, mais que pintou quadros sem tê-los vendido, viveu os. Um ótimo exemplo disso é o poema "choréi muito van gogh / e chorô sempre a lembrar / o exemplo de sua vida / a dignidade de sua morte / heróicas", que para Sossélla assinalaria um valor fundamental para o verdadeiro escritor ou artista, aquele de entregar-se à sua atividade de forma vital, que é simbolicamente repetiu quando decidiu se fixar e viver com a mulher Rosa Maria e o filho Sérgio Augusto em Paranavaí, na Avenida Martin Luther King, onde construiu uma casa com um anexo que transformou em biblioteca.

Com essa decisão de isolar-se para escrever e possivelmente viver que Sossélla buscou a quietude que é evidente em outro escritor

paradigmático, Kafka, quediisse: "Não me afasto dos homens para viver em paz, mas para poder morrer em paz". Não se trata de um mergulho gesto teatral ou de uma preparação para um "suicídio" premeditado, mas de uma clareza filosófica, estética, de que o distanciamento impõe pela necessidade da escrita, pela necessidade de entregar-se a uma experiência vital de pesquisa estética que tem a morte como referencial maior, porque ela é o extremo, o encontro com a determinação, que é o que potencializa a arte. "O escritor é então aquele que escreve para morrer e aquele que recebe boese upoder de escrever de um relacionamento com a morte", nos diz Blanchot sobre Kafka, ressaltando que "a própria obra é uma experiência da morte da qual parece ser imprescindível dispor previamente afim de se chegar à obra e, pela obra, à morte".

Fragmentação como estética

A obra de Sossélia é caracterizada pela fragmentação – abra-se um de seus livros e se verá no escolhido uma frase reinando na página: "tudo é pedaços" (de parágrafos, fragmentos, 2000). Essa frase, que se constitui por si mesma num poema e atomarmos como é píramo a um máxima, pode também servir a como um verso de um poema que se forma e se desfaz, como todos os versos do livro, livro que por si mesmo é um outro se comeles interagindo num a espécie de conexão determinada pela opção estética dessa escrita que se baseia na fragmentação.

Assim, são de pequenos parágrafos e fragmentos, de observações, de diálogos, de falas imaginadas de filmes, imitadas ou inventadas, decenas, gibis, livros, obras de artistas como Van Gogh ou Hieronymus Bosch, amigos, cidades, trens, poemas... que se formam e se desfazem, remarcados com um refinado senso de humor, logo familiar para quem entra com todos os sentidos nesse mundo literário peculiar.

Acha-se compreensão dessa poética, portanto, é a mesma que foi um matônico no século XIX que se找到了: o todo somente pode ser visto ou compreendido a partir de umas o mais de fragmentos. Seus textos, assim, como que tirados de um depósito – a memória – como a Xanadu cumulativa e em suspensão de Cidadão Kane, que se somam e se desfazem, como que unidos em dobradiças, são articulados uns com os outros e se desfazem, articulando-se com outros livros, formando um mosaico, uma constelação de fragmentos que se somam e se desfazem, possíveis, ouvários.

Não se trata de um capricho, mas sim, certamente, de um investimento numa certeza que orientou sua prática, de que sua obra se compõe num processo de sua força-motriz sedada através de inter-relações desse poema curto e fragmentário, compõe uma constelação que tem como fundo estrutural simbólico a memória sentimental de um tempo em que viveu em Curitiba e foi feliz assistindo a filmes, vendendo exposições, cultivando amigose aleitura, experiêncialogos sobrepostos a comassim pressões da vida no interior e o definitivo confinamento na própria biblioteca.

O universo literário que Sossélia criou é, assim, como uma espécie de Rimini felliniana, uma amarcord literária onde perambula entre habitam naneblina e textos distraídamente objetos, atores, atrizes e amigos transformados em personagens, e em que é dada a entender que elas mesmas estão nas pradarias e é o cowboy ou o xerife... O que é, sua escrita se configura como o universo típico de um sonho, ou de um somatório deles, que inclui usos e costumes, mecanismos para conceber e escrever seu único romance, Anova Holanda, do qual se selecionaram para Orobóroalguns de seus fragmentos, que são como microcontos, diferenciando-se, por isso, de sua característica poética, da qual também se publicam alguns exemplos especialmente selecionados.

a nova holanda

2 No

grande rincão do diabo, Ho Nai Property Disposal Area, ocupando uma superfície de 450 acres, a 36 quilômetros ao norte de Saigon, os americanos enterraram, com suas recordações, facas de cortar pão, trombones, fontes luminosas, redes de pingue-pongue, máquinas de lavar, copos de papel, torneiras, copiadoras, equipamento para jogos de rugby, mastros de bandeiras, roupas inservíveis, fuzis e metralhadoras, que pesavam bolsas, colchões, tanques e caminhões, jipes, carros de combate, cadeiras, ferros elétricos, geladeiras, latas de cerveja, quadras de esporte, refrigerantes, saunas, piscinas olímpicas, crianças, petacas, membros artificiais, orgulho, desfolhantes químicos, prostitutas, excremento esverdeado, 1.468.000 mortos, vômito e esperma. Desse esgotode Wall Street nasceram moscas e flores de plástico.

4 Encontro

minha avó paterna enlutada. Ela cavalga, aos prantos, gemendo e pedindo perdão. O animal que monta é de um negrume inteiro. Ela cai. Corro para ajudá-la, e já está sobre o cavalo. Evaia o chão, e sobe, até a proxima queda. Não posso fazer em seu auxílio. Vovó é prisioneira da essa situação, cavalo e cavaleiro, tropicantes. Espécie monstruosa de centauro, sedento e ele próprio galopando.

6 Anunciou-se

pêssego, e serviram sobre mesa. Devagar, quando queimé de ferro, pensei. Mas essas ricaças aprontam cada uma! Eu tentava cortar no prato de porcelana um feto fóssil de cavalo. Notável, afora o tamanho aproximado do fruto e a classificação científica que lhe ornava – "Foetus Hyracotherion"; ant. "Foetus Eohippus" –, era o estar envolvido por um líquido amniótico muito saboroso.

7 Na

metade da quadra, notou o homem zinhorente a ómeio-fio, quase na esquina. O estranho desenhava gestos no espaço com as mãos: tecia um ar de imaginária. Segurando numas das pontas, a agulha invisível na outra tramava os fios do espanto, pespontando. Acada em redilhas docorrespondia um puxão, para melhor fixar o entrelaçamento. Um alaçada, o empuxo, e um passo à frente, até chegar na outra extremidade, espetada na haste do muro. Um alaçada, o empuxão, e meia volta. A aranhadrogada e louca dançava, construindo ateia perfeita. Suspendeu a rede com delicadeza à altura da cabeça, e passou por baixo.

15 Era

intolerável. Resolveu pôr fima a uma obsessão. Como melhor rematériaria de mulheres arrancadas de revistas, rumou para o opátio e riscou os foros na história ilustrada das suas masturbações. Em minutos, décadas de fixações eróticas ardiam estilos num silente convulso. O fogoesvaziava os olhares mais provocantes, ondulando Coxas, meias e seios com fragmentações de calcinhas em línguas flamantes. Morta sagora, ou esquecidas sanciãs, ou jovens deformadas pela obesidade, desprezadas por todos os fotógrafos, viam, passivamente, suas tentadoras bundas estourando nas chamas. E o vento unia e desfolhava esses corpos, remexendo tesões escarbonizados. As labaredas de umânuscolavam-se em espelhos, camas e lençóis sobrecarregados de segredos. Com um desabafo, reparou nomeiadas cincinatas uma última boca – ansiosa, louca e retorcida – perseguindo um pênis incinerado.

49 Todas

astardes amei ninha e era presente no tanque de lava roupa. Curioso, porque elas colhiagatinhos no abandono, fui espia novão da cerca. Para que não sofresse mal fome e adoença nas ruas, ela os afagava, afogando-os com amor e carinho.

55 Surpreenderam

amãezinha, novelório, colocando um pacote com bolachas no bolsão da vestidura de um menino.



ainda escreverei uma enclopédia

para gregor sebba, professor de economia e estatística
visitado por paulo mendes campos na manchete em 12.10.1968
amorte espancou as duas mulheres que atenderam o inominado ser
e houve um conflito de ritmo e linguagem coloquial
quando rainer maria rilke ajudou a lavar o cadáver desconhecido
naquele ambiente repassado de solidão e tristeza.
assim se fez o desejado impacto poético
na velha pensão de madeira à margem do caminho.
entrevistada, a maezinha de glauber rocha afirmou:
não tenho medo de publicar isso no jomal:
meu filho morreu de brasil.
assim se fez o desejado impacto informativo
nesta país desgastado, entorpecido pela indiferença rasteira
e ninho da mais sórdida corrupção neonazista.
enquanto isso, o estou vado e incompetente cineasta sérgio rezende
joga figurinhas no bafo em cima do muro interesseiro
querendo tirar partido da fácil favore contrariamente posicionado.
assim se fez o desejado impacto autopromocionista
inclusive às custas de euclides da cunha
que chegou a canudos com o conflito já terminado.

como se a monstruosidade reagisse (soubesse escrever):

sou a favor das noites estreladas
e admiro o personagem vincent van gogh
mas não comungo suas idéias.

5 e 6.5.1996



a literatura que me vive

de tanto eu olhar os objetos
tentar compreender suas superfícies, sinais, permanências
sombras, impulsos, motivações
nem sabia
olhassem para mim

sou, portanto, aquele olhado
os filmes que me viram
daqueles todos que assisti

sob as linhas percorridas, avenidas, percebi

os desenhos das minhas crianças:
se neles eu estou (muitas vezes sem aparecer)
olhando castelos de solidões olhadas
fontes, clarezas, indecisões acertadas
esquinas, engolindo em seco, muradas

você diria: mas isso é literatura

sob a catedral que me enxerga,
a resposta

18.6.1996



de não norarei amanhã sossélia, 1985

a voz que disse
no princípio era o verbo
transferiu-se do gênesis
e me espera no apocalipse

(minhas mãos vazias que o digam)



de campo de concentração sossélia, 2001

hoje, voltei a me sentir
o xerife da cidade fantasma da minha infância

fiz a longa viagem de volta
nem sei quantas vezes
e de todo o meu passado
restaram somente alguns meses



chiqueiro

a um metro de distância da janela do meu dormitório
com deus me deito, com deus me levanto
e não esquecer de amar diariamente o pai e a mãe
façam eles o que fizerem

que sorte a do porco:
levou um tiro no ouvido



crianças
doces anjos da guarda
e eu era mocinho, paralítico
fiquei mudo e surdo e cego
havia festas no campo de concentração
no caminho pra casa, inclinado
a cadeira de rodas ia sozinha

a bonequinha de pano.
o quanto envelheceu.



você mais aprende sobre pedras
recebendo-as

ao abrir a geladeira naquele dia
depois de alguns anos eu veria a cena
no encouraçado potemkin



ela entrou na minha vida
por fora
está saindo sem demora
por dentro.



se eu escrevesse poemas na minha infância
iriam me mostrar a conta da luz elétrica



quando chego à época de menino
é sempre de noite
ou depois que voltei da escola



excitando a mim mesmo
descobri a américa num canto de cerca



de casa
eu fui ao portão.
cheguei ao novo mundo.

numa última análise
eis todos os meus poemas: carrinhos de madeira
principalmente.
ou eu num caixão sob a marquise.
e choverá, deliciosamente.



fiquei com o prego da porta da minha casa
na mão, ingmar bergman



de horizontal vertical sossélia, 2000

judiação da madeira também
onde cristo jesus esteve
e mais os gritos dos cravos
deus do céu



de sérgio rubens sossélia na terra de ninguém, 2001

na terra de ninguém
quem lá se encontra
– se acha

na terra de ninguém
se reza e amém amém



na terra de ninguém
a música branca é negra
a música negra é branca
e uma carrada de etc.



de puta sorte, poesia, 2001

agora pouco
um mosquito preto chegou de frente
mas passou de lado
bem próximo
o meu olho esquerdo desconfiado



de sossélha escrita fina, 2000

a estrada
começa na minha casa
e não tem fim

abelhas se aninharam
na barba de jesus favo
ou sombra?



caneta à prova d'água
me assusto e acordo



de hieronymus bosch depois, 2001

tchecov.
muitos vizinhos de casas são personagens
seus.
tive que procurar pelos meus.



de poemas: 50 sossélha, 2000

no dia em que eu colocar u'a máscara
todos me reconhecerão, na hora



(c)obra

E P I T Á F I O

pedro abascal







VI. MALÊS.

Pelas ruas de São Paulo, seguindo-a. Um negro em seu encalço. Assustada? Passos lédidos, ancas envolventes: uma princesa nagô, sem dúvida alguma.

— Luíza Mahim. Senhora Luíza Mahim!

Aproveitou a multidão e estacou. Uma princesa nagô, não tenho dúvida.

— Que merda é essa! Não me chamo Luíza...

— Mahim... Luíza Mahim, mãe de Luiz Gama...

Perplexa. Querendo entender e não podendo.

— Lembra-se dos malês? O Recôncavo Baiano, o quintal da sua casa...

Já havia virado as costas, aborrecida. Fez assim com umas mãos, como se dissesse: cada maluco que me aparece.

Não a segui mais. Que se fosse, desconhecendo quem realmente era. Havia outras. Dia menos dia, uma se apresentaria diante de nós, uma princesa nagô:

— Senhores, é por aqui. Eis o meu quintal... Vamos começar tudo de novo.

VIII. ZEZÃO.

A figura atravessou a ponte e veio vindos no rumo de casa. Menos que um homem visto assim mais de perto: um espantalho, um bicho.

Corremos pra dentro de casa. Delá, espiando pelo gretado já janelado e desgrenhado especial no terreiro. Nossa pai veio lá do curral e se aproximou dele. Com certa alegria, a voz dono sopaí: Ora, massenãoé o Zezão de guerra! Quemé vivo sempre aparece... Abrimos sentão a janela: ali, à nossa frente, no ser maltrapilho, a lendária figura de Zezão. Com quantas festas acabara? Havia roubado a mulher de quem? Duas mortes nas costas, nenhuma peso na consciência.

Louco. Andara pelas estradas e pelos rios. Nos campos, entre o gado, roendo coco e chupando ingá — João Batista, no deserto, sobrevivendo com quase nada. Noção nenhuma de vida e morte. De côco rasagora, quase nudamente na nossa casa. Por pudor, as mulheres lâna cozinha. Em troca d'aroupalimpa, amãos suja estendida cheia de coco indaiá. Um quase sorriso em meio à barbacerrada. Ruínas de dentes. Tudo o que herestara: o silêncio e a generosidade insana.

X. UM HOMEM À BEIRA DO PRECÍPIO.

Amorte de Zumbi: há duas versões para esse fato. Dou aquela terceira, de modo que a historiografia se enriqueça mais ainda no leito da ficção.

A poucos metros dele, o espoco cardos mosquetes, das pistolas, lâminas cifeando os obstáculos, canhões respondendo abaixo as palicadas, língua de fogo voraz porto lado, quase nenhum grito mais, rendição, caos nos mocambos, vitória das tropas escravocratas.

À suas costas, o mês o precipício. O inimigo, logo em frente. Entre ambos, o inevitável, o definitivo. Mas render-se sem luta, jamais. A vingança possível: tirar do inimigo o prazer dessa conquista fácil. Era só aguardar então a linguagem sangrenta das armas.



XII. ÚBERE.

Prímeiro, seduzi-la: vaca acostumada ao seu denho, mas retendo ainda o leite nas reentrâncias do úbere. Daí que se deixa que a cria, faminta, estimule-a até a ereção das tetas. Com mais precisão, a gramática do vaqueiro: Apojou, danada! Apoiar é uma palavra em si mesma cheia, volumosa; por pura preciosismo meu, mania de enfeite, defino-amelhorassim: túmida, tal qual essas tetas roliças sob as ásperas e precisas mãos do vaqueiro. Há, no entanto, uma ciência ordenando essa tarefa. Ordenha-se assim: primeiramente o indicador premendo a teta, enessa sequência aos outros, mas com tal presteza, quem a se percebe um dedo auxiliando ou tronasse a teda a arrastar do fundo do brejo líquido espumoso. Ejacula de com violência, o jato branco bate e estrondo sonoro fundo do balde. Depois, o branco se a volume, alcança os limites do abismo: maravilhosa espuma se precipitando pela borda!



Towards Break of Day

Was it the double of my dream
The woman that by me lay
Dreamed, or did we halve a dream
Under the first cold gleam of day?

I thought: 'There is a waterfall
Upon Ben Bulben side
That all my childhood counted dear;
Were I to travel far and wide
I could not find a thing so dear.'
My memories had magnified
So many times childish delight.

I would have touched it like a child
But knew my finger could but have touched
Cold stone and water. I grew wild
Even accusing Heaven because
It had set down among its laws:
Nothing that we love over-much
Is ponderable to our touch.

I dreamed towards break of day,
The cold blown spray in my nostril.
But she that beside me lay
Had watched in bitterer sleep
The marvellous stag of Arthur,
The lofty white stag, leap
From mountain steep to steep.



William Butler Ye





Ao romper da madrugada

Será o sonho do meu sonho
A mulher que ao meu lado deita,
Ou será que dividimos um sonho
Na manhã sob a aragem fria?

Pensei: 'Perto de Ben Bulben
Vi uma cascata tão impressionante
Que por mais longe que da infância eu fique
Nada haverá de tão vibrante.'
Magníficas permanecem na lembrança
As coisas que amei quando criança.

Como um menino a tocá-la eu queria
Mas meus dedos nem sabiam
Que era tudo água ou pedra fria.
Cresci praguejando aos céus
Porque me submeti às suas leis:
Tudo que se possa amar demais
Ao nosso leve toque se desfaz.

Sonhei ao romper da madrugada
Com gélido sopro entre as narinas.
Mas ela, que ao meu lado dorme,
Num sonho muito mais aflito viu
O cervo maravilhoso de Arthur,
Cervo branco que sublime salta
E dos altos montes se precipita.

ats

tradução mauro faccioni filho



resposta àquilo que não sei se conto

dennis radünz

O moine fainéant! quand saurai-je donc faire
Du spectacle vivant de ma triste misère
Le travail de mes mains et l'amour de mes yeux?
(Ó monge ocioso! quando enfim hei de fazer
Do espetáculo vivo do meu triste ser
A obra de minhas mãos e o amor dos olhos meus?)

Baudelaire

"Das dores de cabeça, ad a cerveja é a melhor. É um dorma mais líquida, meio doce – diferente adouísque, mais pontiaguda, ou de um vinho qualquer de quinta, que é de esquartejar. Se fosse escolher, minha dor seria essa: curada depois com água, com analgésico e sono."

O apartamento de Chorro, nos fundos do corredor, estava rendido, entregue. Havia um derramamento de roupa suja e acamada das matérias vomitadas, no chão, indicava vinho tinto. O engolido da dona assolado, houve a capade um livro alaranjado, expelido em golfadas, ressequindo, vinho de aparência meio rosa, entre o roxo e o carmim.

Chorro encurvou-se debaixo da coberta. Meio-dia e meia. Tateou atrás dum copo d'água e espalmou o chão num abraçada. Nada de copo. E como houve sedormido de roupa, imaginou levantar, livrar-sedoso sapato, lavar-se, talvez injetasse um círculo de sangue. Mas o pensamento desbandou. Vassoura havia. Adornão era das melhores. A palpo ouvir o mídia e o nojo a cordou completamente.

"Por primeiro, precisas aprender a cuidar de ti, emergencialmente."

Giovana nunca esteve nesse fundo de edifício. Ela suspeitava: seria o lugar exato do fim do mundo, quando as ondas pararem por completo e o Sol tornar-se um diamante sem valor. E assim seria ele, depiora e piora, um dos últimos espécimes achados pelas equipes de buscas de salvamento. Giovana tinha tomado precauções. Não adiantava nada chamá-la. Nem Heron.

Virou-se para o outro lado, vagarosamente. Rasgou a mão contra a parede, para limpá-la. Aranhou o branco do estuque e uns casulos decupim, notando, se entrebriaram. Estonteado, pensou armar uma estratégia que pudesse levantar, ou andar sobre as próprias pernas, limpar as mãos, orosto, mudar de roupa, "cuidar de si", "dormir", "nunca mais devore repetir isso", era somente a amnésia, em conexões custosas.

A porta entreabriu-se um pouco, movendo-se em falso, sem que nenhada entrasse. Moveu-se a camapa que pudesse audiar aquele um que chegava. Nada. O mesmo. Agargantaardia. Cogitou medicar-se. Cogitou ir-se a uma cômoda, achar um remédio, desde que se erguesse. Desistiu. Dormir de novo, talvez, no berço morno. Estava derrubado, esbarrado contra a Terra.

O corpo hepatico havia mais do que de hábito, um Chorro obeso, doendo-lhe o fígado, não porque se atraía pelas vértebras e nervos, sem neutralizar nenhuma substância. "Primeiro, deve ser inspirado profundamente. Depois, expelir. Inspirar e expelir." Cogitou pressionar as costas, como quem pudesse, ainda, justiça a que le crimino so que o ataca a vapor dentro, fígado inchado, cheio de sangue.



Que Heron louco não viesse. Que Giovana não existisse.

"Por acaso existe uma boa dor?" – tinha sido a ironia dessa Giovana.

Chorohavia sidosurpreendido por aquela mulherzinha que sedespia sem delicadeza, mas que era dôcil, e conversava sobre horóscopo chinês, sobre futuro, sobre cruzar os Andes a dois – Dragão e Javali. Chorro não sabia cruzar a própria casa. Mas iria mudar. E, como fosse a anunciação da vida nova, na basculante do banheiro, entre o azulejo e o rejunte, sem raiz, nascia um cogumelo mínimo.

"Felicidade é não sentir nenhuma dor – quem disse, Schopenhauer?"

"O fermentado é o que causa a melhor dor de cabeça."

"Eu estou no meu direito de discordar."

"Felicidade não se compra com amor carnal."

"Pior é misturares com amarula, cachaça, ou com um simples irish coffee."

"Pois eu assino embaixo."

"Cem por cento garantido."

Chorro, sinceramente, não sabia quem havia falado aquilo, ou o que, ou em que ordem. Uma dose de uísque e inúmeras taças de vinho. Giovana. Heron. Chorro. Aquilo que pudesse ter acontecido, se ocorreu – pensava –, teria sido sem que ninguém tivesse ouvido ou visto. Recordava somente que, ao chegar em casa, diante da janela, viu um despenhadeiro, talvez como feito de álcool, uma sacada, com um barman em um horinhas bege, donadebar, o guardando. Ilusão. A sua janela se abria à parede – cegada por um outro edifício. Nenhum hipótese de despenhadeiro.

Desarrumou-se debaixo das cobertas, dormente, e encolheu – setodo, como um filhote, para que o sol que atravessava as venezianas não o acertasse. Pouco para as treze horas. Era dia de "cuidar desmesmo, emergencialmente". Horas de cruzar as casas em segurança, como se ainda soubesse levantar, sem extraviar-se, sem se desviar, cerrar a rãmão sem concha debaixo doatorneira, lavar os olhos fundamente. Faria isso. Era apenas uma questão de tempo: treze e trinta e cinco, talvez. Era livrar-se de cascas da cama, pisar o chão como quem se determina, apenas como cuidado de não pisar aquele vinho – mas não se moveu.

(Não se importava que Heron chegou em casa e, garrafado uísque namão, deixou-a estilhacarno ladrilho, desejando ainda outra dose, pura. Agarrado legítimo scotch desceu-lhe com um copo na corredeira, e Heron, desejoso de embendar-se a tê que a equipe pes de busca o localizasse,



depoisdetudo,viu-seemdesespero,opreciosoperdidonolíquidodosladrilhos.Nãohesitoue, comumfiltrodepapel,umdessesdecafé,absorveuabebidaaentreosnacosdevidro,emdosespa- liativas,nalíngua,sugando-as.NãooseisedigoqueGiovanadesistiudetomarumadoseexcessiva de antidepressivo. Dorme, aparentemente.)

Chorroobservavaaluzdaruaquevazavadoisretângulosnaparede:aluzmenordentrodaluz maisforte.Odormitóriosem luz,comafiaçãovisíveleobocalsem lâmpada,eraolugaradequado para suas observações.Afiguramenornão selimitavaaocampodaquelaquepossuíaaluzmaior. Escapava.Aluznão obedeciaalimites.Eraexactamenteisso:deveriachamarHeron...pelofatode quealuzescapava.Exatamente.QuelhedissetseporqueGiovananãoatendiamaisaoseuchama- do.Quelhedissetsequeeleestavadenovodecididoaela.Queele,LuizGustavoChichorroseria inocentado. Que não o arrolassem mais entre os culpados. E ergueu-se.

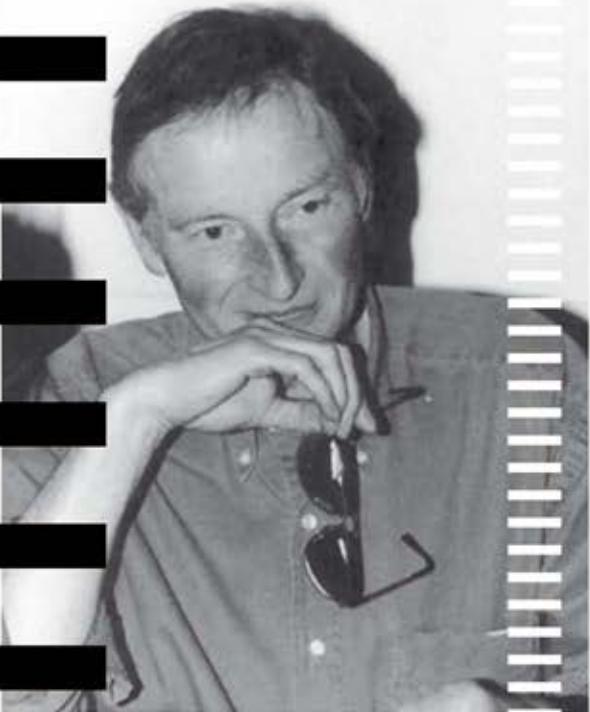
"Dasdoresdecabeça..." – Chorro recordou repentinamente sua teoria, talvezas últimas hipótesesantesquetudo aquiloacontecesse,eriucomdificuldade.Masriu.E,rindo,encontrouem siaforçaparaoimpulso,elevantou-se,estirouasvértebras,cambaleou.Duasoutrêspassadaso jogaramnocentrodobanheiro,dianteoespelho,oanalgésico...,masnãoopôde,porcausado estômago, beber a água que era a parte maior de sua cura. Causava-lhe ânsias.

Bastouentão,àspressas,abrirao máximoochuveiro.Despiu-se.Pisou ofriodopiso como quemvencesse.Unstufosdecabelofloresciamnoralo-trezeetrinta,aproximadamente.Ocogumelonabasculante,semproteção,sofriaaaçãodaáguaquesechocavacontraocorpo.Cogitou resgatarolivro,lavá-losobaducha;cogitou,ainda,levaraáguaedespejá-lasobreasuacapaalaranjada."Giovana que aprenda a cuidar de si própria." "Heron que se cuide."

Deverialimpar-se,estarpreparado,pronto.Equipesdesalvamentosepeliculam paraso corrossomenteaquelesqueaindaestivessemrespirandoespontaneamente.Seriaesseocaso.Oseu caso. Era chegada a hora de repovoar a Terra zerada.

Mas,umafigurademassasombriaatravessouaparedeecortoualuz,repentinamente,embora, nodisjuntor,acorrenteelectricaestivesseintacta.Chorrofoitomadopelofrio.Levantouosolhos contraaágua.Sobreoferrodacortina,pousada,rombuda,observava-o comatenção,depenas úmidas,umacorujamarinhaescura.Maselanão corvejavananada.Olhava-o.Somento.Olhavaao infinito. Essa dor era boa. Por causa dela, Chorro chorava sob a água.

Era uma resposta – mas não se pensasse que fosse uma última resposta.



Bernard Bardinet

a poesia andarilha de lee harwood

apresentação e tradução
Virna Teixeira

"Walk outside with an open mind. Harwood's there". (Peter Finch)

Lee Harwood, segundo John Ashberry, é "um dos melhores poetas em um dos gredos mais bem guardados da Grã-Bretanha". Pouco conhecido fora do domínio das pequenas editoras, publicou cerca de 20 livros desde a sua estréia no início dos anos 60, incluindo traduções de Tristan Tzara. Seus livros, antes difíceis de encontrar, foram reunidos em antologias publicadas em 2004 pela editora Shearsman. Esses *Collected Poems* receberam ótimas resenhas em jornais como o *The Guardian* e suplementos literários britânicos, esôagora se trabalhorecebe uma divulgação maior junto ao público. Anti-acadêmico, Lee Harwood tem um prestígio culte seguidores nos círculos literários alternativos.

Lee Harwood nasceu em 1939 em Surrey, na Inglaterra, e vive em Brighton desde 1967. Estudou inglês no Queen Mary College, na University of London, viajou pelo mundo e morou alguns anos nos Estados Unidos e Grécia. Anticonvencional, no seu currículo exibe uma série de empregos curiosos, tais como: guarda florestal, ferroviário, assistente de loja, funcionário dos correios e motorista de ônibus. Lee Harwood é ainda um alpinista experiente dedicado a parte do seu tempo a esse esporte.

Sua poesia é vinculada como "British Poetry Revival", movimento que ocorreu na Grã-Bretanha por volta dos anos 60 e 70, com uma orientação à escrita mais conservadora da época. Junto com Ian Hamilton Finlay, Edwin Morgan, Michael Horowitz e outros poetas, Lee Harwood participou de um evento que trouxe Allen Ginsberg para a audiência da maioria de 7.000 pessoas para o Albert Hall em 1965, o primeiro grande happening da poesia britânica. As influências do grupo eram diversas: os beatniks, William Carlos Williams, os poetas da Black Mountain School, estes últimos os principais catalistas desse estilo. Tendo conhecido pessoalmente John Ashberry em Paris, e entusiasmado pela poesia de Frank O'Hara, Lee Harwood é certamente o poeta britânico mais influenciado por essa escola.

No entanto, escutam-se ecoes de Seamus Heaney e Phillip Larkin na sua escrita, e também um pouco de Tristan Tzara, Ezra Pound e Constantinos Kavafis, o que compõe uma mistura

interessante. Seus poemas, nas suas próprias palavras, guardam "histórias curiosas, questões e explorações, instruções para juntar cenas, declarações e outras obsessões, elegias, em muitas freqüentemente um colagem de dessas coisas". Lee Harwood trabalha com a linguagem falada e encerrada, com citações, explorando as suas contradições, num formato curiosamente simples, muitas vezes, descontínuo. As possibilidades são variadas, e nestas pequenas seleções apresentadas aqui, apenas alguns aspectos mais centrais são destacados. Há uma espécie de quietude inglesa nas suas reflexões, contrastada com uma audácia que confere um aspecto muito particular à sua voz. Existe algodão made, de andarilho, um certo tom devagabundagem nas suas poesias, como em "Poema para um quarto de Edimburgo: Céu":

As colinas que abraçam a cidade, e
as casas altas de pedra naquela cidade
(barnacle bill o marinheiro)
estão lá, fixadas lá.

Barnacle quer dizer craca, espécie de crustáceo que se incrusta nos cascos dos navios. Porém, Barnacle Bill é figura domarujão berrão, com "uma mulher em cada porto", personagem da música de Louis Jordan e da comédia britânica homônima dos anos 40s. Há então uma idéia decais, estarancorada de passagem, em muitos poemas se passam defato per toda água, têm um caráter náutico, como por exemplo em "Brooklyn", poema que retrata uma situação de impenitência amorosa, fluida. Existe uma espécie de tensão entre êxtases temporários, partidas e ausências nos seus poemas de amor, como em "Diário da chuva: Londres: Junho de 1965":

dias inteiros gastos
refazendo o seu rosto
o som da sua voz
o toque do seu ombro

Viagens e deslocamentos são temas recorrentes nas suas poesias. Porteratravessa domuitas dificuldades econômicas na vida, Lee Harwood simpatiza e perambula com alguma freqüência no universo dos desprivilegiados, das "working classes", o que lembra de alguma forma a Grã-Bretanha dos filmes de Ken Loach:

"Eles passaram por uma série de parques e edifícios
e terminaram bebendo cerveja na rua
e comendo bolos baratos cuja validade era duvidosa"

Nessas passagens, Lee Harwood se vira como um factotum, com ou um viajante pegando carona na estrada, daqui e dali. Na vida, no alpinismo e na poesia, ele corre riscos, conta histórias de passagens e deslocos. Decide mudar-se para Brighton para viver perto do mar. E, defato, dá a impressão de viver nas margens, como um outsider no seu próprio país.

Poema do Décimo Nono Século

dizer "à beira das lágrimas..."
difícil definir as lágrimas raramente descendo

é antes uma condição
o confinamento da solidão
caminhando pelas ruas com tanta dor

"amizade"?
"um compartilhar de interesses" não é mesmo que "uma preocupação omútua"
- qualquer idiota pode falar de livros, de uma forma ou outra

Uma moita amarelo-ouro nos Victory Gardens
A manhã luminosa se tornando escura
Nuvens chuvosas no começo da tarde

Seu estado depende de você ter se alimentado ou não.
É simples assim, brutal, muito freqüente

Imaginar, entre todas estas linguagens planas,
outro lugar.

Nineteenth Century Poem // to say "on the edge of tears..." / hard to define / the tears rarely happening // rather it is a state / the confinement of loneliness / walking the streets with such pain // "friendship"? // "a sharing of interests" not the same as "a mutual concern" / -any fool can talk books, one way or another // A lump of yellow crocus in the Victory Gardens / The bright morning turning dark / Rain clouds in the early afternoon // Your state a result of whether you've eaten or not. / It's that simple, brutal, often enough // To imagine, amongst all this flat language, / another place.

Diário da chuva: Londres: Junho de 1965

sentados nus juntos
na beira da cama
bebendo vodka

esta minha primeira cena real de amor

seu corpo tão bom
seus olhos triste amor estrelas

mas john
agora que estamos milhas separados
a descida de visões da montanha
e as ruas todas chovendo
e eu nos fundos de uma loja
fazendo ligações de graça pra você

que podemos fazer?

estalos dos fios de telefone me escurecem
e esta distância me assombra

e sim – estou miserável
e perdido sem você

dias inteiros gastos
refazendo o seu rosto
o som da sua voz
o toque do seu ombro

Rain journal: London: June 1965 // sitting naked together / on the edge of the bed / drinking vodka // this my first real love scene // your body so good / your eyes sad love stars // but john / now when we're miles apart / the come-down from mountain visions / and the streets all raining / and me in the back of a shop // making free phone calls to you // what can we do? // crackling telephone wires shadow me / and this distance haunts me // and yes – I am miserable / and lost without you // whole days spent / remaking your face / the sound of your voice / the feel of your shoulder

Poema para um quarto de Edimburgo: Céu

acordando
as nuvens passando
fora da sua janela
o quarto no céu
um quarto-espaco repleto de paz
e a passagem quieta do tempo
como se nada existisse fora do quarto,
debaixo do quarto,
apenas o céu,
ar azul macio,
ar cinza macio

A cidade que existe, mas
por enquanto está quieta, passiva

As colinas que abraçam a cidade, e
as casas altas de pedra naquela cidade
(barnacle bill o marinheiro)
estão lá, fixadas lá.
verdes e cinzas.
e sobre todos eles acima de tudo, o arco
do céu onde
eu flutuo agora

Poem for an Edinburgh room: Sky // waking / the clouds passing / outside your window / the room in the sky / a space-room filled with peace / and the quiet passing of time / as though nothing exists outside the room, / below the room, / except sky, / soft blue air, / soft grey air // The town that does exist, but / for now is quiet, passive // The hills that embrace the town, and / the tall stone houses in that town / (barnacle bill the sailor) / are there, set there. / greens and greys. / and above them all over all, the arc / of the sky where / I'm now floating

Brooklyn

A cidade não é necessária para a nossa elegância
Não é uma questão de voltar
para a terra
mas aquele beijo na testa

O vento é tão forte e é ainda macio
quase terno
À noite na balsa – as luzes de rebocadores e cargueiros
que passam
É difícil, eu sei, viver sem isto,
"sem amor" como eles dizem.
Que posso dizer? nós beijamos
com toda a necessidade e esperança que
vem desta "falta"

Você é bonita a brancura dos seus seios

Nós temos isto

Brooklyn // The city isn't necessary to our elegance / It's not a matter of going back / to the land / but that kiss on the forehead // The wind is so strong and yet soft / almost tender / At night on the ferry – the lights of passing tugs and / freighters / It is hard, I know, to live without this, / "out of love" as they say. / What can I say? we kiss / with all the need and hope that / comes from this "lack." // You are beautiful the whiteness of your breasts / We have this

A viagem era planejada, mas

um amarelo, jovem e arrancada, permanecendo na árvore de
um pequeno barco a remos

"Logo terei cruzado o lago
você estará me esperando na cabina da floresta"
A cena tinha sido ensaiada
mas o cenário é muito caro
como minha cabina e as bebidas que eu nunca pago
e com tudo isto –
é tão estranho ver toda a vida desperdiçada
como algum rastro de vapor e o destino do avião
ou para deiros ainda não estão definidos
partiram examinando mapas enquanto a noite resonava
os reis não chegaram na hora
nem encontraram o que esperavam
Eles passaram por uma série de parques e edifícios
e terminaram bebendo cerveja na rua
e comendo bolos baratos cuja validade era duvidosa
mas onde aquilo leva?

eles estavam felizes em chegar em casa
embora não pudessem deixar de se impressionar pelas
florestas e desertos do continente – e, de
certa forma, suas vidas tinham ganho uma completude,
e um propósito em amar estava claro para todos

Que o homem amava a mulher, e que
ela o amava, tornou-se o único tema de importância
nas suas vidas

The voyage was planned, but // an apple tree, young and uprooted, stood on the boards of / a small rowboat // "Soon I'll be across the lake / you will be waiting in the forest cabin" / The scene had been rehearsed / but the set is very expensive / like my cabin and the drinks I never pay for // and with all this – / it is so strange to see all one's life spread out behind / like some vapour trail and the plane's destination / or whereabouts are still far from clear / left pouring over maps as the night drones on / the kings were not on time / nor they find what they expected / They passed through a series of parks and buildings / and ended drinking beer in the street / and eating cheap cakes whose freshness was doubtful // but where does that lead? // they were glad to get home / through no one could fail to be impressed by the / forests and deserts of the continent – and, in / a way, their lives had gained a wholeness, / and a purpose in loving was clear to everyone // That the man loved the woman, and that / she loved him, became the only theme of importance / in both their lives



ESPANTALHO

meus mares interiores ficaram sem praias.
federico garcia lorca

o vento cardíaco
carrega um homem sem voz
que não sabe se encostar
e morrer.
as ventoinhas, a caminho
de serem pedras,
tremem como espinhas de peixe
não tremem
e jazem malferidas
sem sofrer. ai!
só a respiração do trigo
é minha amiga.
o azul cerúleo, que transporta
homens e pássaros, a mim ameaça
– é quando não durmo.
sempre que gepetos à relha
mexem a terra,
conto os minutos
para a cova que me abrem. ai!
essas coisas que vejo sem retinas
existem. não há dúvida!
meus olhos são ossos da cegueira,
caminhos pelo escuro, moscardos cegos.
vou abandoná-los, de todo em todo
não me estiolaram.
serei mais lúcido que o sol ao meio-dia.

ó noite, por terrível que sejas,
no plástico preto
com que asfixias tudo
há furos de estrelas!

moro no plantio,
próximo ao galpão, à colheitadeira.

moram em mim de passagem
como num hotel barato.
fui feito para o terror,
mas não pude senão me assustar
(não dou sombra ou frutos ou coroas).
não sou dafne
em sua grande tristeza vegetal).
dois corações se debatem
em meu peito:
uma maçã cheia de larvas,
mordidas, merda de gralha;
outro que é ninho e fuga e
salsugem do mar nunca visto.
penso através do susto, do mofo,
do amor, da inveja.
meu sorriso de barbante
é uma cicatriz perplexa.
não saio andando porque me faltam
músculos.
meu movimento, às abelhas do sol,
é parar sempre,
estacado sem o céu e o chão.
e no entanto, caso não me traia
e me devolva a solidão,
migro como meus inquilinos.
tenho paina e feno nas carnes.
meu sangue é a água quando chove.

será que estou vivo?
minha voz dobrará horizontes?

deus, dai-me raízes!
um dia terei raízes como que asas

ARGONAUTA

quem disse que em curitiba não existe mar?

olhai para cima, para cima! o céu azul.

vai daí a araucária súplice,
não quer outra coisa que mergulhar.

olhai as nuvens!
sãonetunosamansados, apascentados pelo vento,
espuma às avessas
(uma camisa pelo avesso não deixa de ser uma
camisa).

é a mesma masturbação, sem leva-e-trazapenas,
em silêncio.
o sol é feito de areia.
um mar, enfim, curitibano.

a maresia é este nosso esgoto,
esta nossa primavera de ipês e chorões.

façamos o seguinte: barquinhos de papel
das corchas e das seivas todas...

lanço a âncora para cima e, claro,
ela cai em minha cabeça

EPIFANIA

deus criou o mundo em seis dias.
no sétimo
o Homem criou deus.

talvez ele exista
a qualquer momento, nesse agora.

talvez, adeus,

morra nossa única morte



8

carlos augusto lima

c r o b á r i o

um pensamento estrangeiro
revés, assunto mordiscado
palavra e curtíssima memória,
apontamentos diversos.
assombra, uma vez e mais, nisso que
eduardo tatuara uma imagem anfíbia,
linhas pré-colombianas, dança circular
sufi?
com rusticidade de amuleto às avessas
pela imunidade devastadora
dos rastros.
assoma do dorso amuleto recoberto a serpes que devora a si.
armas de fogo, flechas, cuspe e agouro
não o alcançarão.

Colaboradores desta edição:

Evandro Affonso Ferreira (Araxá - MG, 1945) é escritor, autor dos livros *Grogotó!* (Topbooks, 2000), *Araã* (Hedra, 2002), *Erefuê* (Editora 34, 2004) e *Zaratempô!* (Editora 34, 2005). Vive em São Paulo há mais de quarenta anos, onde já teve um sebodenome *Sagarana* e hoje tem um de nome *Avalvara*.

Júlia Studart (Fortaleza - CE, 1979) é mestrandona Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Teoria Literária/Textualidades Contemporâneas e desenvolve pesquisas a partir do trabalho de Evandro Affonso Ferreira. Escreve e traduz. Mora em Florianópolis.

Ricardo Schmitt Carvalho (Curitiba - PR, 1966) é letrista, roteirista, poeta e redator de publicidade. Publicou o livro *Lascas* (PR, Ed. Medusa, 2002) e traduziu poemas de Duda Mendonça para o inglês para a antologia *Desencontrários* (organizada por Josely Viana Baptista em 1995), de Rupert Brooke e Robert Stock para o português. Realizou vídeo e cinema documentário e de poesia.

Geraldo Lima (Planaltina - GO, 1959) é professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Já foi premiado em vários concursos literários publicados ou livros Anoitedos vagalumes (contos; Prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária, FCFD, 1997), Baque (contos; LGE Editora/FAC, 2004), *Nuvem muda a todo instante* (infantil; LGE Editora, 2004). Participou da Antologia do conto brasileiro (*Projeto Editorial.org*, por Ronaldo Cagiano, 2004). Reside e trabalha em Sobradinho (DF).

Lee Harwood (Surrey - Inglaterra, 1939) é poeta e tradutor. Publicou mais de 20 livros de poesia e prosa e traduções de Tristan Tzara. Os poemas que reuniu são de *Collected Poems* (Shearsman Books, 2004). Harwood mora atualmente em Brighton.

Virna Teixeira (Fortaleza - CE, 1971) é poeta e tradutora. Publicou *Visita* (2000) e *Distância* (2005) pela editora 7 Letras e tem colaborado em diversas revistas e suplementos literários. Reside em São Paulo (SP), onde trabalha como neurologista.

Ademir Demarchi (Maringá - PR, 1960) é poeta e editor da revista de poesia *Babel*. Publicou *Volúpias* (SC, Semprelo, 1990) e *Passagens - Antologia de Poetas Contemporâneos do Paraná* (PR, Imprensa Oficial, 2002). Reside e trabalha em Santos (SP).

Sérgio Rubens Sossella (Curitiba - PR, 1942) formou-se em Direito e fez carreira como juiz no interior do Paraná, aposentando-se em Paranavaí, onde morreu em 2003. Publicou cerca de 300 livros de poemas, quase todos de forma artesanal e com pequena tiragem.

Sharon Olds (San Francisco - California - EUA, 1942). Poeta de temas variados, do mundo doméstico à genitália do papá, do corpo como possibilidade de conhecimento e prazer. Publicou *Satan Says* (1980), *The Dead and the Living* (1983), *The Father* (1992), *The Wellspring* (1995), *The Gold Cell* (1997), *Blood, Tin, Straw* (1999), *Selected Poems* (2004, Knopf). De 1998 a 2000 foi nomeada poeta oficial do estado de New York.

Mauro Faccioni Filho (Maringá - PR, 1962) foi co-fundador da revista de poesia *Babel*. Autor do filme *Brixas* e dos livros de poesia *O grande monólogo de Madrija* (SC, Semprelo, 1989), *Helenos* (1998), *Duplodublê* (2002) e *Olhoscegos* (2004) - editados pela Letras Contemporâneas. Reside em Florianópolis desde 1980.

William Butler Yeats (Dublin - Irlanda, 1865). Poeta e autor teatral, Prêmio Nobel (1923) de Literatura. Foi representante máximo do Renascimento irlandês um dos escritores mais destacados do século XX.

Dennis Radünz (Blumenau - SC, 1971) é poeta. Publicou os livros *Exeus* (2.ª ed., 1998) e *Livro de mercúrio* (2001). Com Lia Carmen Puff, traduziu os poemas infantis do naturalista alemão Fritz Müller (1822-1897), reunidos no livro *História natural de sonhos* (2004).

Pedro Abascal (Havana - Cuba, 1960) é artista plástico. Participou de diversas exposições coletivas e suas obras constam em acervos como Los Angeles County Museum of Art (EUA), Fototeca de Cuba, La Habana (Cuba) e Mairie de Toulouse, Galerie du Chateau D'Eau (França), entre outras. Suas exposições individuais mais recentes foram *Demasiado Humano*, Centro de Arte Contemporâneo Wifredo Lam, Havana, Cuba (2001), *Producción Roble de Olor*, Centro Cultural Cinematográfico Fresay Chocolate, ICAIC, La Habana, Cuba e Documentos Personales, Fototeca de Cuba, La Habana, Cuba, 8.ª Bienal de Artes Plásticas (ambas em 2003).

Pedro Juan Abreu Fernández (Ciudad de La Habana - Cuba, 1972) é artista plástico e designer gráfico. Participou de diversas exposições coletivas, entre as mais recentes estão: (2005) Entrópicos II Festival de la Fundación Paix, Ciudad Antigua Guatemala, (2004) Lente abstracto Casa de la Poesía, Ciudad de La Habana./ Mayo abstracto. Centro de Arte Contemporâneo Wifredo Lam / Novísimos Ilustradores. Centro de Desarrollo de las Artes Visuales, entre outras. Desde 2000 trabalha no Centro de Arte Contemporânea "Wifredo Lam", como designer gráfico.

Rodrigo Madeira (Foz do Iguaçu - PR, 1979) é poeta. Há treze anos mora em Curitiba. Leitor de Rimbaud, Lorca, Drummond, Guimarães Rosa, Vinícius, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, entre outros. Alguns de seus poemas estão publicados na revista virtual www.germinaliteratura.com.br. É bacharel em Relações Internacionais (Faculdades Curitiba). Está desempregado e faz tratamento contra dependência química em uma clínica psiquiátrica.

José Luiz Schoeler (Nova Petrópolis - RS, 1959), como fotógrafo, recebeu prêmios, participou de várias mostras coletivas e realizou suas exposições individuais Parque de Aço - Cia. de Arte, Porto Alegre (1999), Hemisfério - Bilbao Café, Porto Alegre (2001). Reside e trabalha em Porto Alegre (RS) como arquiteto.

Carlos Augusto Lima (Fortaleza - CE) é mestrandona Universidade Federal do Ceará (UFC) e autor do livro de poesia *Objetos* (Alpharrábio Editora, SP) e *Eu me satisfaço com a minha casa e o deserto* (no prelo).

oroboro
revista de poesia e arte - 8
junho . julho . agosto - 2006

ISSN 1807-0248



Editores Ricardo Corona e Eliana Borges
Programação visual e fotografia Eliana Borges
Edição eletrônica Geucimar Brilhador
Revisão Angelo R.L. Zorek Conselho editorial
Antônio Cicero (RJ), Charles A. Perrone (EUA), Flávia Rocha (PR), Joca Wolff (SC), Key Imaguire Jr. (PR), Marcelo Sandmann (PR), Manoel Ricardo de Lima (CE), Ricardo Aleixo (MG), Ricardo Lírias (SP) Impressão Visare

Uma publicação da Editora Medusa



Caixa Postal 5013
Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80061-990
editoramedusa@terra.com.br

ILUMINURAS

Distribuição nacional
(somente em livrarias)
www.iluminuras.com.br

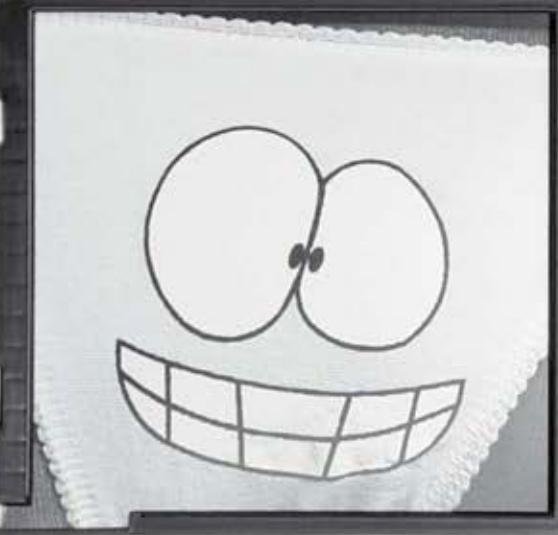
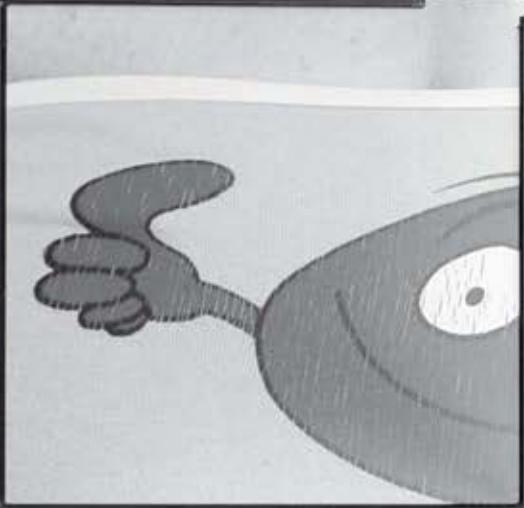
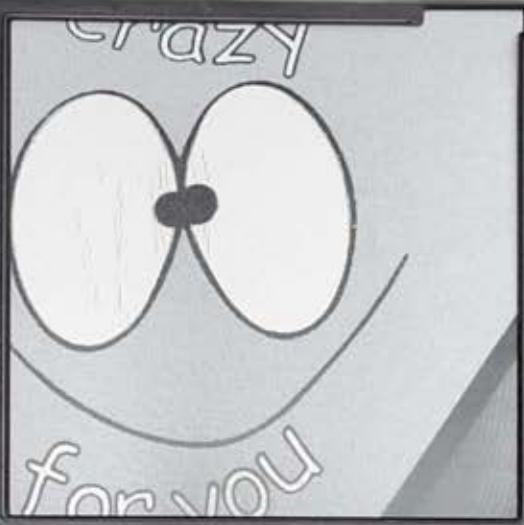
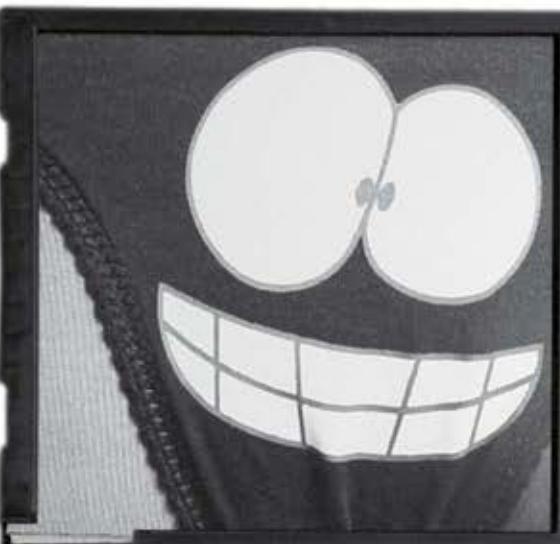
Projeto editorial beneficiado pela
Lei Municipal de Incentivo à Cultura



Incentivador



redOndinhOs em quadrinhos



key imaguire jr



